



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS

LEILA DE FIGUEIREDO MEIRA

A MATERNIDADE COMO FERRAMENTA DE MODULAÇÃO  
COMPORTAMENTAL FEMININA EM *THE HANDMAID'S*  
*TALE*:  
MATERNIDADE COMO DÁDIVA OU SENTENÇA?

Salvador  
2018

LEILA DE FIGUEIREDO MEIRA

A MATERNIDADE COMO FERRAMENTA DE MODULAÇÃO  
COMPORTAMENTAL FEMININA EM *THE HANDMAID'S*  
*TALE*:  
MATERNIDADE COMO DÁDIVA OU SENTENÇA?

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Língua  
Estrangeira Moderna (403), da Universidade Federal da  
Bahia - UFBA, como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Décio Torres Cruz

Salvador  
2018

LEILA DE FIGUEIREDO MEIRA

A MATERNIDADE ENQUANTO FERRAMENTA DE MODULAÇÃO  
COMPORTAMENTAL FEMININA EM *THE HANDMAID'S TALE*:  
MATERNIDADE ENQUANTO DÁDIVA OU SENTENÇA?

Monografia aprovada como requisito para obtenção do título de  
Bacharel em Letras, pelo Curso de Letras – Língua Estrangeira  
Moderna (403), da Universidade Federal da Bahia – UFBA, pela  
seguinte banca examinadora:

Nome: \_\_\_\_\_

Titulação e instituição: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Titulação e instituição: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Titulação e instituição: \_\_\_\_\_

Salvador, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018

Dedico esse trabalho aos meus entes queridos e aos amantes da literatura. Que esse trabalho possa estimular a reflexão e sirva de inspiração a seus leitores.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me prover a energia e os benefícios que me possibilitaram produzir esse trabalho.

Agradeço também aos meus guias espirituais por serem meu sustentáculo psíquico e por me conduzirem durante a produção dessa monografia, me doando forças e inspiração.

Gostaria de agradecer a meus pais, Nilo Meira Filho e Edna M<sup>a</sup> de Figueiredo Meira, pelo suporte durante minha vida e pelos conselhos quanto aos âmbitos acadêmico e emocional.

Agradeço a alguns amigos especiais que me deram suporte e que torcem por mim desde meu ingresso na universidade.

A Marcella Pinto de Almeida, por ser, em primeiro lugar, uma inspiração, e por estar ao meu lado durante todo esse processo nos bons momentos e especialmente nos ruins. Por sua parceria e incentivo, por ser meu alento e alívio nas horas mais difíceis. Pelas palavras de encorajamento e por acreditar em mim, principalmente nos momentos em que eu mesma duvidei.

A Paula de Sá Teixeira, por me incentivar a ingressar no curso de Letras e por manter-se presente sempre, apesar da distância geográfica.

A Laiza Costa, por sua constante preocupação, auxílio e cuidados.

A Lucas Freire, por ser sempre um amigo disposto e conciliador.

Aos colegas do NUPEL, por incontáveis discussões construtivas sobre a universidade, o ensino e a vida.

Agradeço aos mestres que tive a oportunidade de conhecer e ter como inspiração no Instituto de Letras da UFBA.

Agradeço em especial a meu orientador, o professor doutor Décio Torres Cruz, por sua orientação e por me mostrar novas perspectivas tanto quanto à pesquisa quanto ao ensino.

Agradeço por fim à instituição por me fornecer espaços para reflexões e por me garantir a educação necessária para a formulação e desenvolvimento desse trabalho.

*“O inferno são os outros”*

*Jean-Paul Sartre*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a atribuição da maternidade como ferramenta de modulação comportamental das personagens femininas no romance *The Handmaid's Tale* (2017) da escritora canadense Margaret Atwood. Busca-se propor uma análise sobre os aspectos comportamentais das personagens femininas da obra, dada a imposição de atributos religiosos e de feminilidade, tendo como pressupostos teóricos as obras de Judith Butler (1999; 2011), Elisabeth Badinter (1985), Simone de Beauvoir (2016a; 2016b), Jack D. Eller (2018), Marcia Neder (2016) e Guacira Lopes Louro (2000). Através da investigação dos aspectos biológicos, sociais e psicológicos usados no romance de Atwood para assegurar o domínio dos homens sobre as mulheres, procura-se estabelecer uma relação entre religião e maternidade e sua consequente utilização no controle das mulheres na fictícia República de Gilead. Busca-se também compreender o impacto da religiosidade e estrutura dessa sociedade na formulação de um conceito de maternidade e sua influência na vida das mulheres dessa república. Analisa-se maternidade na obra e como sua imposição às mulheres direciona suas vidas para o único propósito de reprodução. Dessa maneira, apurou-se que a condução das vidas das mulheres férteis, no contexto social da obra, limita-se à fecundação. O presente trabalho possui relevância não apenas acadêmica, mas também social por apurar os elementos da maternidade, um dos componentes mais socialmente expressivos, em uma obra ficcional de grande alcance mundial e também pelo fato de esses aspectos do romance ainda não terem sido anteriormente analisados em língua portuguesa. Utilizou-se o método dedutivo através da pesquisa bibliográfica e documental de obras sobre a construção do feminino, a antropologia da religião e as noções de maternidade, evidenciando, portanto, a abordagem qualitativa e o caráter exploratório. Verificou-se que a maternidade se apresenta na obra *The Handmaid's Tale* como uma ferramenta de modulação comportamental das personagens femininas.

**Palavras-chave:** Maternidade. The Handmaid's Tale. Religião. Modulação comportamental.

## ABSTRACT

The objective of this work is to investigate motherhood as a behavior modulation tool of the female characters present in the novel *The Handmaid's Tale* (2017) by the Canadian author Margaret Atwood. It seeks to propose an analysis of the behavior aspects of female characters given the imposition of femininity and religious aspects based on the theoretical works of Judith Butler (1999, 2011), Elisabeth Badinter (1985), Simone de Beauvoir (2016a; 2016b), Jack D. Eller (2018), Marcia Neder (2016) and Guacira Lopes Louro (2000). Through the investigation of the biological, social and psychological aspects used in Atwood's novel to assure men's domination over women, a relationship between religion and maternity and its consequent use in the control of women in the fictional Republic of Gilead is sought. It also seeks to understand the impact of Gilead's religiosity and social structure on the formulation of a concept of motherhood and its influence on women's lives in that republic. Motherhood and how its imposition upon women directs their lives to a single reproductive purpose are analyzed. Thus, the lives of fertile women in the social context of the novel is limited to reproduction. The present work has not only academic, but also social relevance for investigating the elements of motherhood, one of the most expressive social components, in a fiction of worldwide reach, and also because these aspects of Atwood's novel have not been previously analyzed in Portuguese. The deductive method was used through bibliographical and documentary research of texts on the construction of the feminine, the anthropology of religion and the notions of maternity, emphasizing the qualitative approach and the exploratory character. Thus, motherhood is presented in *The Handmaid's Tale* as a behavioral modulation tool for female characters.

**Keywords:** Maternity. The Handmaid's Tale. Religion. Behavior modulation.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A CONSTITUIÇÃO DA MULHER EM GILEAD A PARTIR DE O <i>SEGUNDO SEXO</i>	16
2.1	A INSTÂNCIA DE SE QUALIFICAR OU SER QUALIFICADO EN- QUANTO SER	16
2.1.1	O pilar biológico da distinção	19
2.1.2	O impacto das construções sociais na determinação do destino das mulheres de Gilead	23
2.2	A SUBJUGAÇÃO DAS MULHERES E O ESTABELECIMENTO DA SU- PREMACIA MASCULINA EM GILEAD	27
2.2.1	A ameaça das mulheres livres e a retomada do controle	28
2.3	AS MUDANÇAS NA CRIAÇÃO: AS PRIMEIRAS DIRETRIZES DO NO- VO MITO DA MULHER	30
3	A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO: A CARACTERÍSTICA INE- BRIANTE DO PODER RELIGIOSO	37
3.1	A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE DE GILEAD	38
3.2	O CONTROLE RELIGIOSO DA SEXUALIDADE NA SOCIEDADE DE GILEAD	41
3.3	O FUNDAMENTALISMO MASCULINO: A SOCIEDADE DO SAGRA- DO FEMININO CONCEBIDA POR HOMENS	45
4	A MATERNIDADE COMO FERRAMENTA DE MODULAÇÃO COMPORTAMENTAL FEMININA EM <i>THE HANDMAID'S TALE</i> : MATERNIDADE COMO DÁDIVA OU SENTENÇA?	54
4.1	A MULHER MÃE E A NÃO-MULHER	56
4.1.1	Os ensinamentos de uma Aia	58
4.1.2	A abnegação da Esposa	61
4.1.3	A terceira aresta do triângulo materno	64
4.2	A PARTILHA DAS OCUPAÇÕES: BENEFÍCIO OU ENFRAQUECI- MENTO DO PAPEL FEMININO?	66
4.3	O PARADOXO DA ADORAÇÃO DA MATERNIDADE EM UMA SO- CIEDADE QUE REPRIME AS MULHERES	67
4.3.1	O falso querer, a complacência fabricada e o estupro legalizado	70

5	CONCLUSÃO REFERÊNCIAS
---	--------------------------

74
79

## 1 INTRODUÇÃO

Diante do crescimento da corrente de estudos de gênero e sexualidade que se encontra em ascensão dado o fortalecimento de diversos movimentos sociais, tais como o movimento feminista e as lutas do movimento LGBTQ+, surge uma série de impactos em variadas modalidades de expressões culturais. Há enquanto exemplo deste fenômeno a obra literária *The Handmaid's Tale* (ATWOOD, 2017), que obteve enorme sucesso mundial após ser adaptada ao formato de seriado no ano de 2017 pela produtora Hulu<sup>1</sup>, e sua repercussão tem fomentado as discussões quanto às supracitadas questões (MILLER, 2017).

Essa obra traz como tópico principal da trama o estabelecimento de uma nova ordem de poder mundial de base religiosa, na qual a supremacia velada do masculino é mantida e explicada por uma releitura de um dos testamentos da Bíblia e a suposta valorização do feminino ocorre através da divisão de mulheres em castas e da monocentralização da função vital-social da mulher. Ressalta-se a necessidade de uma análise do papel da maternidade nesse contexto, haja vista ser este o objeto de poder ao redor do qual se estrutura a sociedade em questão.

Por trazer a relevância da maternidade no panorama social, uma vez que este é na obra o objetivo final em torno do qual se estruturam todas as funções da sociedade de Gilead de forma direta ou indireta, e sendo esta também calcada na divisão entre homens e mulheres na trama a partir da religião, o poder coercitivo latente da maternidade é exposto e permite então o estabelecimento da extensão do seu impacto. Ao se buscar dimensionar como a maternidade influi no estabelecimento da nova ordem sobre a qual homens assumem postos militares e cargos políticos e as mulheres se destinam às tarefas de manutenção do lar e foco na procriação, expõe-se assim a pré-determinação da estruturação dos gêneros a níveis também psicológicos e sexuais.

O livro, *The Handmaid's Tale* (traduzido como *O Conto da Aia* em 1987 pela tradutora Márcia Serra pela editora Marco Zero), reconstrói uma nova ordem mundial estabelecida a partir de uma visão teocêntrica na qual existem categorias sociais. Essa divisão implica em todos os aspectos da vida das pessoas, sendo a classe das mulheres a mais afetada por esta ordem. São a elas designados papéis inferiores aos masculinos, devendo-lhes obediência e servidão, enquanto decisões acerca de suas vidas são tomadas por figuras masculinas, sejam

<sup>1</sup> A série foi indicada a quarenta premiações em diversas categorias e venceu trinta e um destes prêmios.

eles seus maridos, chefes ou mesmo o governo, que neste contexto é apenas ocupado por homens. Nestas circunstâncias, o mais importante dever social servil recai sobre as mulheres denominadas “aias”, as únicas que ainda tem capacidade reprodutiva e devem, portanto, procriar de modo a perpetuar a existência da raça humana. Sendo assim, as aias são passadas de família socialmente relevante a família socialmente relevante numa tentativa de fazer aumentar os índices de natalidade de Gilead, haja vista que devido à toxicidade elevada no ambiente, tenham caído drasticamente.

É possível perceber a influência do poder religioso sobre esta sociedade ao se compreender que o procedimento de utilização e transferência de aias é justificado a partir da passagem da Bíblia que conta a história das irmãs Lea e Raquel, esposas de Jacó, pois embora Lea tenha sido abençoada por Deus com a fertilidade, a Raquel não foi dada a mesma sorte. De modo a retificar isso, Raquel oferece ao esposo duas de suas criadas, Bila e Zilpa, para que estas pudessem conceber seus filhos, através de um rito sexual onde Raquel segura uma das mulheres em seus braços e entre suas pernas enquanto seu marido engaja na conduta sexual visando a fecundação. Este sistema de empréstimo da fertilidade é visto na sociedade de Gilead como um ato de caridade e providência divina, o que justifica o emprego desta prática de se usarem as aias para conceber crianças de casais cuja esposa é infértil. Não é cogitada e ou mesmo admitida a possibilidade da infertilidade masculina, sendo atribuída somente às mulheres.

Diante do exposto, o presente trabalho apresenta enquanto problema central o seguinte questionamento: em que medida a maternidade pode ser utilizada como ferramenta de modulação comportamental feminina na obra *The Handmaid's Tale*? De modo a alcançar a resposta para tal questão, mister se faz enfrentar as subseqüentes questões norteadoras: quais são os parâmetros usados para definir os papéis sociais na trama? De que modo a religião influencia a construção social de Gilead? Qual o papel da maternidade na sociedade de Gilead? De que maneira maternidade e religião se inter-relacionam? Em que medida a maternidade aprisiona as personagens femininas da trama?

Assim, este trabalho aponta como objetivo geral propor uma análise do impacto da maternidade nos papéis sociais femininos a partir das mulheres construídas na obra *The Handmaid's Tale* e como objetivos específicos analisar a representação da maternidade; estabelecer a relação entre religião e maternidade na obra; determinar como a religião influi na construção social e demonstrar a utilização da maternidade enquanto mecanismo de controle das personagens femininas na obra.

*O conto da aia* aborda, de modo exagerado, diversos aspectos sociais ainda encontrados na atualidade como a divisão de tarefas entre os gêneros, a mulher como propriedade, haja vista

que na tomada de poder estas perdem o direito de trabalhar e têm suas contas congeladas, tendo acesso a elas apenas por intermédio do parente masculino mais próximo ou do marido, a hierarquização entre homens e mulheres, pois estes possuem empregos e cargos políticos enquanto as mulheres têm apenas funções domésticas a serem cumpridas e representadas, a exemplo da transferência de mulheres de comandante a comandante, no caso das aias, e especialmente a obrigatoriedade da maternidade e dos cuidados para com as crianças, sendo este o pilar estrutural da sociedade. Tais cobranças, ainda presentes nos mais diversos âmbitos sociais, expõem amarras sociais de controle que vêm sendo combatidas pelas correntes feministas e demonstram o poder de dominação que a maternidade pode acarretar sobre as mulheres, e como este é imposto por intermédio da religião.

[...] esta escolha por não querer viver a maternidade é ainda entendida, muitas vezes, como uma anormalidade, pois não está dentro dos padrões tradicionais da sociedade, sendo vista como patologia, falta de saúde, egoísmo, falta de dever físico para repor a população (RIOS; GOMES, 2009 *apud* FIDELIS; MOSMANN, 2013, p. 124).

Há na atualidade a falsa ideia de liberdade de escolha, pois se acredita que é permitido às mulheres optarem ou não por se tornarem mães, quando em verdade, não há lei judicial que legisle quanto à questão. Há, no entanto, severas leis sociais no tocante na obra. O poder de decisão acerca da maternidade foi retirado das mulheres, sendo aquelas que são férteis forçadas a se engajar em tentativa após tentativa de modo a produzir uma gravidez:

Existe uma visão da sociedade que deixa a entender que mulheres que optam pela não maternidade são despreparadas, desesperançadas (no âmbito biológico) ou egoístas por fazerem esta opção. Devido ao número crescente de mulheres que vivenciam estas situações, este discurso está cada vez mais em evidência, sendo alvo de problematizações em distintas perspectivas, já que encerra toda uma concepção social acerca do papel da mulher e da maternidade na sociedade (LEATHERBY, 2002 *apud* FIDELIS; MOSMANN, 2013, p. 214).

A supremacia evidenciada na obra se estabelece a partir da força religiosa que guia as novas diretrizes da ordem dominadora, o que traz à tona a discussão quanto ao verdadeiro poder da religião dentro das sociedades e à dimensão de sua implicância social como força não-estatal oppositora às leis governamentais.

[...] Contra o caos tecnológico, econômico e cultural de um mundo integrado em uma estrutura gigantesca, a imagem do "político" promete retornar o controle aos agentes humanos. A teologia política contemporânea oferece a esperança de uma política substantiva, a favor e contra uma visão amplamente prevalecente que considera os cidadãos meramente como clientes ou peões, atraídos por uma sociedade destituída de autodeterminação política.

No entanto, tais promessas são ilusórias e perigosas, sugere Habermas, pois pressupõem um retorno a um período anterior à domesticação do poder do Estado tanto pela lei como pela esfera pública (BUTLER et al, 2011, p.15, tradução minha).<sup>2</sup>

<sup>2</sup> “[...] Against the technological, economic and cultural chaos of a world integrated into one gigantic structure, the image of ‘the political’ promises to return control to human agents. Contemporary political theology offers the

Em *O poder da religião na esfera pública* (BUTLER et al, 2011, p. 15), Jürgen Habermas aponta como razão para o fortalecimento das religiões no estado moderno a carência de controle do agente humano diante de um panorama caótico extremamente tecnológico, voltado inteiramente para o crescimento econômico, tendo o mundo se integrado em uma gigantesca estrutura, não havendo mais separações entre esferas, cabendo ao homem então o papel de peão ou clientes. Diante disto as promessas religiosas, apontadas como falsas e ilusórias por Habermas, encontram respaldo para serem buscadas como possíveis meios de retorno do homem ao centro das questões humanas. O livro traz ainda os pensamentos de Judith Butler, Charles Taylor e Cornel West, cada qual a partir de uma visão filosófica diferente, apresentando suas contemplações acerca do tema, de modo a situar a religião na esfera pública.

Sendo a questão de gênero um ponto crítico da obra, se faz preciso que haja também uma análise do que se entende como gêneros, quais seus impactos nas determinações sociais e as atribuições que são feitas a cada gênero. Há, na sociedade contemporânea, a discussão a respeito da existência ou não existência de mais do que apenas dois gêneros, o que possibilita o entendimento quanto às quebras dos padrões esperados de cada gênero, pois estes são entendidos como construções sociais, tendo uma nova forma de socialização em si a chave para tal quebra.

[...] a hierarquia sexual produz e consolida o gênero. Não é a normatividade heterossexual que produz e consolida o gênero, mas a hierarquia de gênero que é dito subscrever relações heterossexuais. Se a hierarquia de gênero produz e consolida o gênero, e se a hierarquia de gênero pressupõe uma noção operacional de gênero, o gênero é o que causa gênero e a formulação culmina na tautologia. (BUTLER, 1999, p.13)<sup>3</sup>

Como exposto por Judith Butler (1999), a ideia de gênero se sustenta na própria ideia de gênero, portanto é possível entender que as questões que estão interligadas a esta, tais como a sexualidade e os padrões comportamentais, são também embasadas nesta ideia, atestando a fluididade destes conceitos, reforçando a ideia de uma construção destes na obra, afetando suas representações, haja vista terem sido formulados em dado momento da história, de modo a assegurar a predominância masculina, como exposto na passagem.

A metodologia utilizada, no presente trabalho, será a bibliográfica e documental, a partir da análise de livros, artigos e documentos históricos que possibilitem alcançar a resposta ao

hops of substantive politics, over and against a widely prevailing view that see citizens merely as clients or pawns, caught within a society shorn of political self-determination. Yet such promises are both illusory and dangerous, Habermas suggests, for they presuppose a return to a period prior to the domestication of state power by both law and the public sphere”. (BUTLER et al, 2011, p.15).

<sup>3</sup> “[...] sexual hierarchy produces and consolidates gender. It is not heterosexual normativity that produces and consolidates gender, but the gender hierarchy that is said to underwrite heterosexual relations. If gender hierarchy produces and consolidates gender, and if gender hierarchy presupposes an operative notion of gender, then gender is what causes gender, and the formulation culminates in tautology”. (BUTLER, 1999, p.13)

problema central que lastreia a pesquisa. Nesse sentido, o trabalho organiza-se numa divisão de três capítulos: o primeiro tratará especificamente das definições de gênero a partir do estudo das obras da autora Simone de Beauvoir apresentado em *O Segundo Sexo*, volumes I e II (2016a; 2016b), relacionando-os com as expressões de gênero presentes na sociedade de Gilead, expondo em contraposição a estas as reflexões da autora Judith Butler expressas em sua obra *Problema de gênero: feminismo e a subversão da identidade* (BUTLER, 1999), de modo a dimensionar os preceitos reproduzidos pelas mulheres da sociedade da obra, para assim entender melhor suas diretrizes comportamentais. Versar-se-á ainda sobre este tema, neste capítulo, se utilizando também os escritos de Sigmund Freud e Jean-Jacques Lacan de modo a propiciar um *insight* psicológico do que se entende pelo feminino dentro da conjuntura psíquica.

Em seu segundo capítulo, este trabalho tratará de investigar a influência do poder religioso dentro de uma conjuntura social, em especial a de Gilead, sociedade na qual a construção da nação se deveu à inspiração em um escrito sagrado. A partir da obra *Introdução à antropologia da religião* (ELLER, 2018), relacionando os textos do autor com seus exemplos presentes na obra de Atwood, buscar-se-á o entendimento quanto à força religiosa no tocante à estruturação social de um povo, político e psicológico, apreendendo-se suas ramificações diversas e suas implicações.

A questão da utilização da maternidade como ferramenta sócio-comportamental é o ponto chave desta pesquisa, sendo este, portanto, o enfoque do terceiro capítulo. A temática da maternidade será abordada a partir da visão da autora Elisabeth Badinter sobre o que ela denomina “O mito do amor materno” em sua obra denominada *Um amor conquistado - o mito do amor materno* (1985). Procure-se demonstrar não apenas os conceitos de mãe existentes na sociedade (mãe por parto ou mãe por criação), mas também o uso do ideal de mãe, um ser assexuado e devotado à criação dos filhos, como instrumento de limitação da expressão social das mulheres. Esse ideal também será explorado na obra como forma de limitar o desenvolvimento e as oportunidades estendidas às mulheres.

Por abordar temáticas tão contundentes e atuais, este trabalho visa em suas páginas finais trazer o arremate das questões nele propostas, fazendo uso de seu papel social colaborativo de fomentar as discussões no contexto da atualidade. A última parte deste escrito será composta pela conclusão, parte esta em que será exposta a síntese conclusiva acerca de cada capítulo, culminando nas respostas das questões norteadoras e suas expressividades tanto no texto literário quanto no âmbito social contemporâneo, correlacionando os temas de gênero, do feminino, da sexualidade, da religião e suas ramificações sociais, da maternidade e da castração

feminina realizada através desse mecanismo de controle biopsicossocial, que é o relegar da responsabilidade e do dever reprodutivo quase que inteiramente às mulheres.



## 2 A CONSTITUIÇÃO DA MULHER EM GILEAD A PARTIR DE *O SEGUNDO SEXO*

O movimento feminista contemporâneo surge nos anais da história a partir da segunda metade da década de 1960, nos Estados Unidos da América, posteriormente se alastrando para outros países industrializados, trazendo como reivindicação primordial a libertação da mulher. Contudo, de que se constituiria esta libertação? A temática da divisão social pautada numa visão binária de gênero no ocidente não data desde a constituição do que se compreende hoje como sociedade e nem se limita aos limiares de secções da convivência humana, tais como a sexual, a trabalhista e às relacionadas à vida doméstica somente, pois esta discussão atualmente engloba questões sentimentais e físicas, como o direito implícito de ir e vir, dentre outros.

Por não se tratar de um conjunto pré-determinado de regras escritas, mas sim de normas sociais tradicionais, transmitidas de geração a geração de modo fluido e quase orgânico, o questionar destas regulamentações encontra sua primeira barreira: a subjetividade do tema, que ocasiona a negação da existência deste tema como um todo. Neste contexto de negação da opressão feminina, surge a autora Simone de Beauvoir, com sua obra *O segundo sexo* (2016) pautada sobre a construção do conceito “mulher” a partir da visão dos Sujeitos e a consequente sujeição que elas sofrem, vindo esta a se tornar uma das obras base da teoria feminista e sua autora a se tornar um dos nomes chaves do feminismo.

Para se entender os atritos existentes entre “a mulher” e “o Sujeito”, faz-se necessário determinar o que os difere, quais conjuntos de comportamentos e representações sociais qualificam um ser como mulher e como homem. Nessa visão, a teórica Judith Butler questiona em sua obra *Problema de gênero – feminismo e a subversão da identidade* (1999), os padrões de conduta atribuídos a cada gênero e a mentalidade por trás dessas atribuições, fazendo emergir o tópico da validade da existência real ou a ficcional concepção do que se entende como gênero.

### 2.1 A INSTÂNCIA DE SE QUALIFICAR OU SER QUALIFICADO COMO SER

Este capítulo traz como proposta principal reunir o pensamento das duas teóricas e filósofas Simone de Beauvoir e Judith Butler, através de seus escritos *O segundo sexo – Volumes I e II* (2016a; 2016b) e *Problema de gênero* (1999), respectivamente, sobre o que é uma mulher e o que significa ser uma mulher, especialmente nos dias atuais. O tópico se faz necessário, pois existem certas controvérsias quanto a ele, não havendo exatamente um conceito

a respeito do que é uma mulher, mas vários, que partem de diferentes perspectivas e se utilizam de diversos parâmetros como o social, o biológico, o histórico, o religioso, dentre outros.

Portanto, para que se possa falar posteriormente em maternidade é preciso se falar em mulher, e para tal é necessário se utilizar o que as mulheres têm a dizer sobre a temática, para somente então se discorrer sobre a ferramenta da maternidade no contexto da sociedade de Gilead, lócus ficcional da trama de *The Handmaid's tale* (ATWOOD, 2017).

Já em sua introdução, é perceptível na obra de Simone de Beauvoir que não se pode abordar a questão do feminino sem se falar do masculino e de como estes se relacionam, pois para se falar em mulher é preciso se falar em homem. Assim o é em razão de como a mulher é entendida socialmente, até os dias de hoje, como uma versão em negativo do que é ser homem, não havendo no conceito de mulher um conteúdo próprio e distinto, mas somente este que lhe foi atribuído, intrínseco ao masculino e deste não divisível.

Esta ideia de mulher como contraposição do conceito de masculino está presente na constituição social desde o mito de Adão e Eva. O fundamento deste mito, que estipula que a Eva foi criada para aplacar a solidão de Adão, para ser sua companheira. A noção de igualdade entre eles é descartada pela ideia de Adão ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, a partir do barro, e Eva surgir a partir da costela de Adão, colocando-a como parte menor do homem, sem existência prévia individual.

Por serem entendidas como o negativo do masculino, as mulheres são sempre pensadas numa diagramação comparativa com os homens, sempre em relação a eles ou a eles adjacentes. Primeiro estabelece-se o que “é”, ou seja, o conceito de masculino, e explica-se todo o resto como “o que não é”, daí cria-se o feminino, ainda que este “não ser” compreenda mais do que o próprio “ser”.

Na visão masculina, a necessidade se faz somente em compreender de que se compõe o masculino e rotular quanto feminino tudo o que nega este conceito de masculino. Perde-se com isso o alcance de tudo mais que significa ser mulher, que vai além do oposto de ser homem, e tudo o que excede o negativo do masculino é por eles ignorado. Entretanto, ainda que compreendam um universo de fatores, características e aspectos que os homens ignoram a mulher ainda é um conceito estabelecido pelos homens, que em seu papel de Sujeito, não apenas determinam o que é mulher, o Outro, como também qual espaço a ela cabe ou não ocupar.

Simone de Beauvoir, na introdução do primeiro volume de *O segundo sexo* (2016a), trata desta questão quanto à perspectiva dos homens em relação às mulheres e como esta é falha, atribuindo a isto o fato destes estarem acomodados em demasia em sua posição de referencial

para conseguirem manter uma visão destituída de interesses próprios ao conceituarem as mulheres, e questiona ainda a legitimidade desta constituição do feminino a partir dos homens, afirmando que mesmo esta ação já parte de um direito autodecidido pelos homens.

[...] conhecemos mais intimamente do que os homens o mundo feminino, porque nele temos nossas raízes; aprendemos mais imediatamente o que significa para um ser humano o fato de pertencer ao sexo feminino e preocupamo-nos mais com o saber. (BEAUVOIR, 2016a, p. 25)

Esperar-se-ia que, de um ponto de vista lógico, coubesse às mulheres decidirem qual espaço ocupar, haja vista que têm não somente uma visão mais ampla de si mesmas como também desenvolvem uma visão profunda dos homens, reflexo de terem suas vidas determinadas, guiadas e voltadas para eles desde tenra idade. É perceptível, porém, até nos dias atuais, que este direito ainda lhes é constantemente negado ou permitido a duras penas, o que denota a importância que reside em um grupo ter a liberdade de se constituir a partir da conceituação de seus próprios membros, havendo na ocorrência do contrário o estabelecimento de um controle por parte do grupo que determina a constituição do outro. Em outras palavras, constituir-se é poder e na negação desse poder às mulheres encontra-se uma das bases do controle social do masculino sob o feminino.

Na distopia construída por Atwood, é possível inferir que a sociedade estadunidense que precedeu a formação de Gilead se encontrava em uma dinâmica entre o masculino e o feminino similar ao que se pode observar no contexto ocidental atual. As mulheres se encontram em uma posição social, na qual possuem trabalhos, dinheiro próprio, casam por vontade unicamente sua e possuem a liberdade de transitar entre quaisquer ambientes. Todavia, é preciso ressaltar que muito, como a antecessora de Gilead, está presente nas comunidades ocidentais uma série de regras sociais veladas que limitam a liberdade legal garantida às mulheres.

Na obra, a violência implícita às quais as mulheres estavam sujeitas é exposta na forma de fragmentos de reminiscências da personagem principal sem nome, conhecida apenas como “Dofred”, como este extrato de um momento de reflexão da personagem:

[...] eu nunca corria à noite; e durante o dia, somente próximo a vias bem frequentadas. As mulheres não eram protegidas naquele tempo. Eu me lembro das regras; regras que nunca eram proferidas, mas que toda mulher conhecia: não abra a porta para estranhos, mesmo que diga ser da polícia, peça que lhe escorreguem a identidade por debaixo da porta. Não pare na estrada para ajudar um motorista fingindo estar com problemas. Mantenha as portas travadas e siga em frente. “Se alguém assobiar, não vire para olhar.” (ATWOOD, 2017, p. 34, tradução minha)<sup>4</sup>

<sup>4</sup> “[...] I never ran at night; and in the daytime, only beside well-frequented roads. Women were not protected then. I remember the rules; rules that were never spelled but that every woman knew: don’t open your door to a stranger, even if he says he is the police. Make him slide his ID under the door. Don’t stop on the road to help a

Esta ideia de violência como resultado da liberdade estendida às mulheres uma vez que os ataques sofridos por estas são consequências das decisões as quais elas foram livres para tomar. Essa noção serviu como validação para a constituição de Gilead, cuja fundamentação se deu a partir de uma ideia de proteção que precisava ser fornecida às mulheres, pois estas eram em demasia valiosas para estarem sujeitas aos produtos de suas possíveis más decisões.

“Existe mais que apenas uma forma de liberdade, disse Tia Lydia. Liberdade para algo e liberdade de algo. Nos dias de anarquia predominava a liberdade para algo. Agora lhe é dada a liberdade de algo. Não subestime isso.” (ATWOOD, 2017, p. 34, tradução minha)<sup>5</sup>. Retira-se então a liberdade de escolha das mulheres e teoricamente são incrementadas as punições àqueles que, de algum modo, vierem a causar algum dano a uma mulher.

É visto que o ser mulher se determina como o não ser homem, sendo estes que irão lhes dar o decalque que os convir, uma vez que ao masculino foi concedido o direito legítimo do existir enquanto que o feminino advém do acaso e tal fato fortuito se faz na qualidade de benefício para os homens (BEAUVOIR, 2016a, p. 201), sendo então justo que seja por eles o modo pelo qual são percebidas no mundo.

### 2.1.1 O pilar biológico da distinção

Estabelece-se que fica a cargo dos homens na história a conceituação do feminino e tudo mais que lhe concerne. A concepção do que quer que seja deve ser feita a partir de algum fundamento para que a partir deste se estabeleçam os parâmetros que delimitam o algo. A fim de definir do que se constituem as mulheres, os homens elegeram como estribo na qual sustentar sua superioridade os conceitos biológicos.

A idealização das mulheres como receptáculo cuja segurança consiste numa preocupação governamental, surge em Gilead em razão do valor reprodutivo das poucas mulheres férteis que restaram, devendo estas ser resguardadas para que possam executar a função de reprodutoras e assim garantir a continuidade dos seres humanos. “A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la” (BEAUVOIR, 2016a, p. 31).

Conquanto que a afirmação de Beauvoir caracteriza a visão geral acerca das mulheres no contexto de Gilead, é também reservada às menos mulheres, as que não podem reproduzir,

motorist pretending to be in trouble. Keep the locks on and keep going. If anyone whistles, don’t turn to look.” (ATWOOD, 2017, p. 34)

<sup>5</sup> “There is more than one kind of freedom, said aunt Lydia. Freedom to and freedom from. In the days of anarchy, it was freedom to. Now you are being given freedom from. Don’t underrate it.” (ATWOOD, 2017, p. 34)

mas podem ocupar posições de destaque enquanto Esposas ou executar funções laborais domésticas como as Martas, a proteção estatal, tão somente se devotarem sua obediência ao governo. Àquelas que transgridam ou que não contam com valor social é reservado o destino cruel de trabalhar nas colônias infectadas na qualidade de não-mulheres, onde o ambiente tóxico as garantirá uma morte precoce e sofrida.

Sobre a questão das colônias há no romance passagens das impressões das personagens através das quais se pinta uma imagem de desolação e sofrimento daqueles que lá habitam. As duas Martas designadas a trabalhar na qualidade de mão de obra doméstica na residência do Comandante para onde Dofred foi mandada especulam sobre as colônias, em um raro momento de insatisfação: “Vá para as colônias, disse Rita. Lá há escolha. Com as não-mulheres para morrer de fome, e Deus sabe mais o que? Disse Cora” (ATWOOD, 2017, p.20, tradução minha)<sup>6</sup>.

Ao terem sua cotação medida a partir de sua capacidade de rendimento, estando este diretamente ligado à capacidade reprodutiva, administrativa e principalmente de obediência, se compreende que as mulheres são distinguidas nessa sociedade como produtos, cuja serventia determina a função e o apreço, podendo ser facilmente descartadas, caso algum dos parâmetros requeridos para assegurar sua proteção venha a vacilar.

Aos homens transgressores a punição apresentada no livro é “O muro”, uma grande muralha de tijolos vermelhos onde são expostos os corpos daqueles executados pelos mais variados crimes, tais como a homossexualidade ou por praticarem a medicina para interromper alguma gravidez, mesmo que tenha sido antes do estabelecimento da nova ordem, pois a medicina não supervisionada utilizada para o aborto fere os mandamentos de Deus e um homem que almeja se colocar acima de Deus deve ser punido. Estes homens têm suas faces cobertas por um pano e seu crime exposto através de uma placa de cor singular caracterizadora.

Quanto ao conceito de mulher-objeto, ou melhor, de mulher enquanto bem semovente<sup>7</sup>, Atwood explicita em passagens do romance, que as próprias mulheres da sociedade, que ocupam as funções de cuidados domésticos, encaram as aias como meros serviços que precisam ser executados. Como uma dessas passagens pode-se citar: “Elas estão falando a meu respeito como se eu não pudesse ouvi-las. Para elas eu não passo de uma tarefa doméstica, uma dentre várias” (ATWOOD, 2017, p. 58, tradução minha)<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> “Go to the colonies, Rita Said. They have the choice. With the Unwomen, and starve to death and Lord knows what all? Said Cora” (ATWOOD, 2017, p. 20)

<sup>7</sup> São bens móveis que possuem movimento próprio, tal como animais selvagens, domésticos ou domesticados.

<sup>8</sup> “They’re talking about me as though I can’t hear. To them I’m a household chore, one among many” (ATWOOD, 2017, p. 58)

Como expresso pela protagonista da obra, “Nós somos úteros sobre duas pernas, isso é tudo: receptáculos sagrados, cálices ambulantes” (ATWOOD, 2017, p.146, tradução minha)<sup>9</sup> a partir do que se pode inferir, portanto, que seu status de valor não se mede a partir de sua condição de ser humano dispendioso, pautando sua estima em proporções cognitivas ou da personalidade, mas em verdade na sua condição somente de receptáculo fecundante à disposição do uso social.

A razão para essa formatação por vez pode ser explicada por Beauvoir quando afirma que “[...] os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, voltá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana” (BEAUVOIR, 2016a, p. 26). Vê-se então o desejo de controle do masculino sobre o feminino sendo imposto através da desumanização da mulher, exercido por intermédio do pretexto de proteção e, por conseguinte a destituição da autonomia sobre seus corpos.

Além disso, a mulher ou o Outro nunca é vista em posição de paridade com o homem, pois esta reciprocidade se dá somente numa relação entre dois seres do sexo masculino. A figura da mulher surge no coletivo enquanto posse e faz parte de um conjunto de instrumento de troca entre dois coletivos de machos. (BEAUVOIR, 2016a, p. 106).

Para se falar em corpos femininos e sua subversão, é essencial se estabelecer a priori qual o conceito atribuído a estes e como os são qualificados a partir de uma visão biológica sob o viés do olhar social. Pode-se então estabelecer de que modo o masculino se utiliza da biologia para assegurar sua dominância diante do feminino, justificando sua suposta supremacia segundo aspectos orgânicos como referencial. Simone de Beauvoir (2016a, p. 33) investe sobre a dogmática da suposta racionalidade indiscutível da biologia e questiona a separação de indivíduos em machos e fêmeas como fato irredutível e contingente, admitida pela filosofia de maneira concludente.

As relações entre os sexos em Gilead são bem delimitadas por regras sociais previamente determinadas, colocando o homem em posições elevadas de controle, enquanto sujeito-agente e pai, e as mulheres em posições de criada, reprodutora ou mãe, sempre em *locus* submisso e controlado. Uma das maneiras usadas para que esse controle não se desintegre é a restrição das atividades sexuais, sendo estas permitidas apenas entre um homem e sua designada aia, uma vez por mês, com o intuito único de permitir a reprodução.

<sup>9</sup> “We are two-legged wombs, that’s all: sacred vessels, ambulatory chalices” (ATWOOD, 2017, p. 146)

A razão de esta manobra tornar-se válida e atingir seu propósito se deve ao que Beauvoir expõem em *O segundo sexo* (2016a, p.34), obra na qual se entende que é no engajar sexual que o valor e o sentido das funções são cumpridos e os papéis sexuais e as relações são determinados. Portanto ao dominarem por total o campo da sexualidade humana os homens da sociedade de Gilead garantem sua liderança.

Tais homens acreditam estarem em seu direito natural uma vez que, nas palavras de Hegel “O homem é, assim, em consequência dessa diferenciação, o princípio ativo, enquanto a mulher é o princípio passivo porque permanece dentro de sua unidade não desenvolvida.” (HEGEL *apud* BEAUVOIR, 2016a, p. 37) e, portanto, devido a sua passividade na interação sexual e na reprodução a mulher é, por determinação de sua natureza, inapetente e sua subjugação pelo masculino apenas o resultado de uma ordem congênita.

Por certo, essa visão é ainda reforçada quando se analisa a disposição dos corpos no mundo animal em sua maioria no momento do ato sexual, onde o homem se posiciona sobre a mulher, “[...] é o macho, de qualquer modo, quem *possui*: ela é *possuída*; ele pega, ela é pegada e a palavra tem, por vezes, um sentido muito preciso” (BEAUVOIR, 2016a, p. 49) e esta configuração fertiliza a mentalidade de superioridade dos homens.

Em preparação para o ritual de procriação o relato da protagonista do romance conota essa expressividade da virtude passiva valorada da mulher fértil na nova ordem social de Gilead, “Eu espero. Eu me componho. Componho-me como quem compõe um discurso” (ATWOOD, 2017, p. 76, tradução minha)<sup>10</sup>, revelando a espera da fêmea a ser tomada pelo macho que lhe cobrirá e a tomará.

O que se pode entender quanto à utilização dos aspectos biológicos de modo a sedimentar uma soberania dos homens sobre as mulheres dentro da concepção de Gilead é que, como postula Beauvoir, a mulher “embora desempenhando na procriação um papel fundamentalmente ativo, ela *sofre* o coito que a aliena de si mesma pela penetração e pela fecundação interna.” (2016a, p. 49) e em um ato cíclico a parcela masculina da sociedade se baseia nesta premissa e a perpetua para assim se validar senhorio e se manter como tal.

Por toda a variação percebida nos dados biológicos que permeiam as mais variadas espécies, a conclusão a que se chega é a de que não há um fator determinante que estabeleça a fêmea humana de algum modo inferior ao macho humano, pois mesmo as determinações hormonais que a constituem menor e em geral possuidora de dois terços da força masculina,

<sup>10</sup> “I wait. I compose myself. Myself is a thing I must now compose, as one composes a speech.” (ATWOOD, 2017, p.76)

não são sempre exatas. Portanto, essas determinações oscilantes não bastam para que seja definida uma hierarquia entre os sexos ou mesmo para produzir explicação alguma que qualifique a mulher enquanto o outro logo não as condena ou as preserva em uma posição subordinada. (BEAUVOIR, 2016a, p. 60).

Por se provar falha na missão de estipular a superioridade masculina através da biologia, voltam os esforços para as questões sociais na busca por uma diretriz determinante que possa justificar a diferenciação vista entre homens e mulheres, esperando-se que esta traga uma razão resolvida para a problemática.

### 2.1.2 O impacto das construções sociais na determinação do destino das mulheres de Gilead

Mesmo diante de um ponto de vista do materialismo histórico, onde a mulher não é compreendida somente a partir da perspectiva da sexualidade, mas onde a consciência da mulher sobre si mesma se faz referente à estrutura econômica e social onde esta se encontra (BEAUVOIR, 2016a, p. 83), ainda se percebe a interferência masculina na formatação da mentalidade feminina através das barricadas psicológicas, sustentadas devido à posse de bens por parte dos homens, erguidas de maneira a sujeitar a psique feminina e assim comedi-la.

Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: pretenderam criar um campo de domínio feminino – reinado da vida, da imanência – tão somente para nele enterrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso. (BEAUVOIR, 2016a, p. 99-100).

Assim sendo, nada mais lógico que um grupo de mulheres passasse a compartilhar e a tomar parte desta visão da dinâmica social e a adicionassem a seus discursos. Há no romance o exemplo de Serena Joy, a Esposa do comandante a quem Defred foi designada, que antes da tomada da nova ordem já era uma figura pública e fez uso desse seu púlpito para difundir suas novas crenças. Como ela, outras mulheres divulgaram os preceitos da nova Ordem, propagando-os como verdadeiros e incontestáveis, auxiliando seus pares masculinos na disseminação dessa nova fé.

Em outra de suas divagações, a personagem Defred rememora a imagem que tinha de Serena Joy antes de ser direcionada à sua residência e antes mesmo da imposição dos novos valores sociais. “Ela não cantava mais àquela época, fazia discursos. E era boa nisso. Seus discursos eram sobre a santidade da casa e sobre como as mulheres deveriam ficar em casa”

(ATWOOD, 2017, p.55, tradução minha)<sup>11</sup>, e esta talvez seja a razão pela qual a Serena foi concedida uma posição de privilégio e menos abusos físicos. Entretanto, estas não são mencionadas no romance.

No que tange às mulheres que não se incorporaram ao novo contexto social por vontade própria antes de sua absoluta predominância, dentro dessa dinâmica que lhes é imposta, resta tão somente acatar as regras, o papel de objeto e de Outro que lhe é proposto ao mesmo passo em que debilmente reivindica sua liberdade, pois a definição de mulher como ser humano que busca valores no interior de um mundo de pilares predeterminados justifica sua aceitação da condição de subordinação a elas impingida.

“Comum, disse Tia Lydia, é ao que você está acostumada. Isto pode não parecer comum para você agora, mas após algum tempo se tornará. Se tornará comum” (ATWOOD, 2017, p. 43, tradução minha)<sup>12</sup>, esse trecho da obra explicita então como uma conjuntura produzida para que a servidão feminina predomine e para que, além disso, seja entendida como espontâneo, proporciona pouco espaço ou nenhum para a rebelião contra o sistema e não há o que se esperar da parte mantida na ala acossada, que vai sem outra opção, como exposto na obra, se acostumando.

Diante do cenário da comunidade de Gilead se apreende que a partir de uma sociedade antes beirando a igualitária, foi estipulado por homens um novo arranjo coletivo no qual as mulheres cedem seus direitos em troca de uma suposta liberdade das preocupações com o capital, moradia e composições matrimoniais. Esta configuração se fortalece dentro da repressão violenta aos que se opõem e à constante observação de uns aos outros assegura que ninguém quebre as regras. Mas a quem essas regras verdadeiramente controlam e aprisionam que não tão somente as mulheres?

A nítida distinção entre a severidade das normas imposta a homens e mulheres é captável no desenrolar da trama, a princípio aos poucos, como a partir de fragmentos onde a protagonista revela qual o modo em que se dá a distribuição de aias aos homens. Estes as têm designadas a si ao alcançarem status elevado garantindo certa relevância social (ATWOOD, 2017, p. 32), o que atesta a qualidade de agente que estes possuem no desenrolar de suas vidas, mesmo que reduzida, em oposição ao que acontece com as mulheres, que são selecionadas por qualidades

<sup>11</sup> “She wasn’t singing any more by then, she was making speeches. She was good at it. Her speeches were about the sanity of home, about how women should stay home.” (ATWOOD, 2017, p. 55)

<sup>12</sup> “Ordinary, said Aunt Lydia, is what you are used to. This may not seem ordinary to you now, but after a time it will. It will become ordinary.” (ATWOOD, 2017, p. 43)

biológicas das quais possuem nenhum controle e, diante disso, possuem somente um caráter passivo sobre o que lhes acontece.

Atwood demonstra a diferenciação entre os sexos na narrativa das interações entre Dofred e o comandante. A protagonista se vê perante uma oferta orquestrada mediante o intermédio do motorista Nick (ATWOOD, 2017, p. 110), onde não há em verdade uma escolha, e passa a ter uma relação mais íntima com o comandante, mantendo encontros furtivos com ele, onde eles passam à parte comunicativa da relação, donde antes havia somente o engajamento sexual sob a supervisão da Esposa Serena Joy.

Ao longo dos encontros entre o Comandante e Dofred, inúmeros assuntos pertinentes à interação entre homens e mulheres são debatidos existindo implicitamente, sempre um lugar de resignação por medo de desacatar seu superior, pois como posto por ela “Recusar vê-lo poderia ser pior. Não há dúvida alguma sobre quem detém o verdadeiro poder” (ATWOOD, 2017, p. 146, tradução minha)<sup>13</sup>. O que explicita a sua impossibilidade de negar a ele o que quer que seja.

O fato é que eu sou a amante dele. Homens que ocupam altas posições sempre tiveram amantes, por que isso teria que ser de algum modo diferente? O arranjo não é concedido exatamente da mesma forma. A amante costumava ser mantida em uma pequena casa ou apartamento próprio, e agora as coisas foram amalgamadas. Mas por baixo é a mesma coisa (ATWOOD, 2017, p. 172, tradução minha).<sup>14</sup>

A personagem encontra-se agora na posição irrecusável de amante do homem, cujos descendentes ela deverá gerar, uma situação que a coloca em risco. Após refletir e traçar um comparativo com os velhos tempos, ela conclui que a situação em que se encontra não é exatamente nova, dada as devidas adaptações. É uma espécie de relação que persistiu durante a história moderna da humanidade, adaptando-se quando necessário, de modo que sempre se mantivesse o favorecimento dos homens.

Esta disparidade pode ser percebida ainda de forma mais profunda quando Dofred, levada pelo Comandante, descobre a existência de bordeis nos quais homens ricos e poderosos vão e pagam por sexo com prostitutas, uma delas sendo Moira, amiga de Dofred dos tempos anteriores à tomada de poder, que mesmo sendo lésbica, se resignou em se prostituir ao invés de ir para as colônias (ATWOOD, 2017, p. 250).

<sup>13</sup> “To refuse to see him could be worse. There’s no doubt about who holds the real Power” (ATWOOD, 2017, p. 146)

<sup>14</sup> “The fact is that I’m his mistress. Men at the top have always had mistresses, why should things be any different now? The arrangements aren’t quite the same, granted. The mistress used to be kept in a minor house or apartment of their own, and now they’ve amalgamated things. But underneath it’s the same.” (ATWOOD, 2017, p. 172)

É principalmente na parte XII intitulada Jezebel's (ATWOOD, 2017, p.207) que a escritora mostra o quanto a repaginação que se estabeleceu sobre os Estados Unidos, quando este se transmutou na pátria de Gilead, teve um impacto consideravelmente maior nas mulheres do que nos homens. Neste capítulo, é apresentado ao leitor outro possível destino das mulheres de Gilead, um destino para aquelas que não conseguiram se encaixar nas novas posições criadas para as mulheres.

Às mulheres que não quisessem ser aias, martas, esposas ou ir para as colônias foi oferecida a profissão de prostituta e no clube reservado para os homens da alta classe trabalham mulheres que antes eram sociólogas, advogadas, executivas, dentre outras posições de prestígio (ATWOOD, 2017, p. 249). A explicação para a existência de um clube como este dentro de uma sociedade na qual tudo relacionado ao sexo havia sido terminantemente proibido é oferecida pelo comandante quando ele é indagado a respeito disso por Dofred.

O Comandante, ao esgueirar Dofred clandestinamente ao clube com o auxílio de Nick, a questiona sobre sua impressão quanto ao local onde se encontravam e ela o interpela a respeito da licitude daquele estabelecimento. Ele lhe esclarece que, oficialmente, o local é ilegal, mas que considerando as necessidades inerentes aos seres humanos, locais como aquele são necessários. O que fica implícito em sua fala é que aquela elucidação, pautada em ideais biológicos, diz respeito somente aos homens, pois são eles que possuem impulsos lascivos.

[...] não se pode enganar a Natureza. Ele diz. A Natureza demanda variedade, para os homens. Parece lógico, é parte da estratégia procriacional. É o plano da Natureza. [...] as mulheres sabem disso instintivamente. Por que razão elas compravam tantas roupas diferentes antigamente? Para enganar os homens fazendo-os acreditar que elas eram diversas mulheres diferentes. [...] Ele diz isso como se acreditasse no que diz, mas ele fala muitas coisas desta mesma maneira. Talvez ele acredite, talvez não, ou talvez seja as duas coisas ao mesmo tempo. É impossível dizer em que ele acredita (ATWOOD, 2017, p. 249, tradução minha)<sup>15</sup>.

O tema da suposta necessidade social da entidade dos bordeis, mais especificamente, da indispensabilidade das prostitutas para a manutenção da coletividade é apontado também por Beauvoir em sua obra. Ela discorre sobre a prostituição como uma decorrência da escravização da mulher dita honesta à família o que leva os homens a buscarem fora de casa os prazeres mais pecaminosos que o puritanismo impede a mulher “correta” de almejar e praticar (BEAUVOIR, 2016a, p. 144).

<sup>15</sup> “[...] you can't cheat Nature. He says. Nature demands variety for men. It stands to reason, it's part of the procreational strategy. It's nature's plan. [...] Women know it instinctively. Why did they buy so many different clothes, in the old days? To trick the men into thinking they were several different women. [...] He says this as if he believes it, but he says many things that way. Maybe he believes it, maybe he doesn't, or maybe he does both at the same time. Impossible to tell what he believes”. (ATWOOD, 2017, p. 249)

Também sobre a mesma temática São Tomas afirma que “Eliminai as mulheres públicas do seio da sociedade, e a devassidão a perturbará com desordens de toda espécie. São as prostitutas, numa cidade, a mesma coisa que uma cloaca num palácio” (TOMÁS *apud* BEAUVOIR, 2016a, p. 144), atribuindo ao meretrício a condição de mal necessário, que deve ser ignorado, porém não perdoado.

No que corresponde à classificação de um ser como mulher se sobressai a fundamentação nos parâmetros biológicos, que qualificam como fêmea humana aquela que possui vagina e gônadas femininas. Observa-se, ao longo dos registros históricos, que todo o parâmetro sociológico da questão parte desse íterim e a ela associa outros atributos que serão determinados a partir do interesse daquele grupo que os formula: os homens.

A elaboração do corpo social de Gilead não foge a essa estrutura, e com base nas referidas propriedades, as orientações de vida a serem aplicadas às suas mulheres foram desenvolvidas e ajustadas, com o intuito de adequá-las à visão de seus novos dirigentes segundo aquilo que melhor previam para o reestabelecimento e a sustentação da imperiosidade masculina dantes perdida em razão da liberdade que fora alcançada pelas mulheres (ATWOOD, 2017, p. 221).

## 2.2 A SUBJUGAÇÃO DAS MULHERES E O ESTABELECIMENTO DA SUPREMACIA MASCULINA EM GILEAD

Ao ser entendida como mulher, por anos se estipularam certificações quanto a sua feminilidade e a seu nível de qualidade dentro desta escala. Delas se esperava tudo que no homem era visto como frágil, sensível, delicado, ou seja, a oposição do masculino. Em contrapartida, delas eram subtraídos os direitos sobre elas mesmas e quanto a seus destinos. As mulheres tinham destinos que lhes eram impingidos, quer elas quisessem ou não. Este fenômeno pôde e pode ser observado em diversas sociedades e culturas por todos os locais do mundo.

De tudo que foi descrito quanto às condições femininas em Gilead, a falsa noção de escolha é uma circunstância que permeia as instâncias do que se designa àquelas que se encontram qualificadas pela noção do que é ser uma mulher. O controle sobre elas já havia sido estabelecido antes que uma consciência sobre o fato pudesse surgir. Após a fundamentação ocorrer, foram estendidas possibilidades que permitissem aos homens o controle das aias quanto das Esposas, das filhas, das Martas e todas as outras parcelas sociais que correspondessem ao feminino.



Das mais diversas razões que pudessem ser especuladas como o porquê desta tomada de poder, a sugerida pela autora na fala do seu personagem Comandante Fred é a seguinte:

O problema não era somente com as mulheres, ele diz. O problema maior era com os homens. Não havia mais nada para eles. [...] Não havia nada para eles fazerem, ele diz. Eles poderiam ganhar dinheiro [...] Não é o suficiente, ele diz. É muito abstrato. Eu quero dizer que não havia nada para eles fazerem em relação as mulheres. O que você quer dizer? Digo eu. E quanto a todos os Pornoesquinas [...] eu não estou falando quanto ao sexo, ele diz. Isto foi uma parte das razões, o sexo era muito fácil. Qualquer um podia comprá-lo. Não havia nada pelo que se trabalhar, nada pelo que se lutar (ATWOOD, 2017, p. 221, tradução minha)<sup>16</sup>

Diante das razões apresentadas e da nova formatação sistêmica que foi convenionada, é possível distinguir como motivação principal, a falta de controle que os homens tinham sobre as mulheres na época que precedeu a proclamação de Gilead.

### 2.2.1 A ameaça das mulheres livres e a retomada do controle

As mulheres haviam conquistado sua liberdade econômica e os homens temiam sua libertação emocional por completo, o que colocaria suas vontades em patamares equivalentes e talvez levasse até a uma inversão de poderes. Havia ainda, dentre as mulheres, aquelas que “[...] aceitavam a soberania do homem e este não se sentia ameaçado por uma revolta que o pudesse transformar, por sua vez, em objeto” (BEAUVOIR, 2016a, p. 201), mas este contingente diminuía gradativamente e o medo de tal possibilidade levou os homens a tomarem uma medida terminante que, sob o propósito de uma preocupação com a queda da taxa de natalidade, os permitiu retomar certo poder sobre as mulheres.

Se o controle através da noção implícita de superioridade masculina diante das conquistas de cunho emocional que vinham sendo adquiridas pelas mulheres estava a se deteriorar, era preciso então que se estabelecesse uma nova mentalidade que colocasse os homens novamente no topo. Após reunir adeptos a esta ideologia, a metodologia utilizada para impô-la se fez por meio do controle de bens e capital que pertenciam às mulheres. O que se seguiu foi o assassinato do presidente interino e a execução de todo o congresso, eliminando assim todo o governo para depois se suspender a Constituição federal (ATWOOD, 2017, p. 183).

<sup>16</sup> “The problem wasn’t only with the women, he says. The main problem was with the men. There was nothing for them anymore. [...] There was nothing for them to do, he says. They could make money, I say [...] It’s not enough, he says. It’s too abstract. I mean there was nothing for them to do with women. What do you mean? I say. What about all the Pornycorners [...] I’m not talking about sex, he says. That was part of it, the sex was too easy. Anyone could just buy it. There was nothing to work for, nothing to fight for”. (ATWOOD, 2017, p. 221)

Severas mudanças foram então feitas na gestão, uma nova guarda foi formada e assim surgiam os Anjos, que passaram então a manter a ordem e a assegurar que as novas implementações acontecessem sem empecilhos. Esta noção instaurou um sentimento de vigilância entre os cidadãos, assegurando ainda mais a dominação, pois as insurgências eram poucas diante do receio de todos de serem delatados tendo em conta que não se sabia mais em quem confiar.

As mulheres foram dispensadas de seus empregos e tiveram seus bens congelados, sendo estes transferidos ao marido ou ao parente homem mais próximo. Como todos os bens e posses eram escriturais, transferi-los ou bloqueá-los pode ser feito com o clicar de um botão e desta forma as mulheres legalmente não puderam mais ter propriedade alguma garantindo que não houvesse fugas (ATWOOD, 2017, p. 187).

Esta mudança política, como tantas outras anteriores a ela, mesmo aquelas que de certo modo favoreciam as mulheres em alguma instância, sempre ocorrem de homens e para os homens. Segundo Beauvoir, “Nunca o poder esteve em mãos femininas, as alavancas de comando do mundo nunca estiveram nas mãos das mulheres; não influíram nas técnicas nem na economia, não fizeram nem desfizeram Estados, não descobriram mundos” (BEAUVOIR, 2016a, p. 189) e devido a este açambarcamento do poderio, que nunca teve uma impetração feminina, o direcionamento das sociedades sofre estas guinadas por parte dos homens sem que qualquer resistência possa ser estabelecida de maneira efetiva.

Ainda que tentassem se opor a esta nova formulação que lhes inferioriza, não há força da parte das mulheres que pudesse de fato barrá-la. Não obstante o descontentamento daquelas a quem as piores condições foram decretadas, há também o teor tentador dos privilégios referenciados às muitas mulheres que ocupam posição de destaque e estes tentam as mulheres há muito, gerando um efeito cíclico de manutenção da hegemonia masculina.

As mulheres em Gilead, que se tornam esposas, tem o comando do lar em suas mãos e dispõem de maior liberdade que as Aias, se beneficiando das conquistas de seus maridos e, portanto, desenvolvendo com eles certa lealdade. Se através do casamento estas mulheres obtêm segurança, prestígio e frivolidades não há razão pela qual elas iriam se colocar contra a nova ordem em favor das Aias, que ainda que sejam suas iguais na condição de mulheres, não são assim vistas.

Na dinâmica do ordenamento social de Gilead, o casamento, e tudo que este comporta, é um agente de conservação da submissão feminina. A educação social das mulheres é conduzida a influenciar a concepção da idealização do casamento como chave de libertação e

obtenção de regalias. As meninas seriam educadas a buscarem maridos em detrimento de sua formação pessoal, pois tudo que poderia ser conquistado por intermédio do trabalho vem de modo mais fácil através de um “bom” casamento (BEAUVOIR, 2016a, p. 195).

Pelo viés do casamento se contamina a mentalidade feminina, causando uma associação do ideal de casamento com ascensão social e vida desprovida de preocupações com provisões. É mediante essa abdução cognitiva que se funda a força de manipulação necessária para que se possa desdobrar a primazia dos homens, enraizando seu poder cada vez mais.

### 2.3 AS MUDANÇAS NA CRIAÇÃO: AS PRIMEIRAS DIRETRIZES DO NOVO MITO DA MULHER

As mulheres se aproximavam da independência perante os homens, tendo empregos e dinheiro próprio, o direito à livre escolha de parceiros. Com o advento do divórcio, a escolha de parceiros era ilimitada, o que afastava as mulheres do mito da feminilidade. Essa liberdade feminina era incômoda e esclarece ao mesmo tempo o motivo e o método pelo qual se deu o enclausuramento das mulheres de Gilead. Uma passagem do volume II de *O segundo sexo* corrobora essa noção ao afirmar que: “As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano” (BEAUVOIR, 2016b, p. 7).

De modo a recobrar o que enxergavam como seu direito natural de controle sobre as mulheres, e impossibilitar que estas avançassem com sua autoconcepção como sujeito, resta aos homens construir uma nova narrativa de mulher e assim criam outro mito do feminino, um que estivesse de acordo com o ego masculino, de modo a não o ferir ou o ameaçar.

O extirpar das mulheres de seus locais de independência pode ser visto como a primeira etapa do que seria o objetivo final dessa mudança social: a criação de uma geração de mulheres submissas e subservientes que obedeceriam sem questionar a autoridade masculina. Ou seja, buscava-se através da implantação de leis, a configuração de um novo modelo de mulher, que fosse mais agradável à autoestima dos homens.

Após a classificação das mulheres em castas com funções bem definidas, houve a realocação das crianças em famílias de alto escalão, assegurando a sua criação sob os preceitos governamentais aprovados, como aconteceu com a filha da protagonista da trama. “Onde ela está? O que vocês fizeram a ela? [...] Ela está em boas mãos, eles disseram. Com pessoas que

são dignas. Você é indigna” (ATWOOD, 2017, p. 49, tradução minha)<sup>17</sup> essa passagem sugere a abdução que ocorreu com as crianças para que pudessem ser “bem” criadas.

Isto se dá devido à maleabilidade da psique dos seres humanos quando ainda são jovens, garantindo a efetividade deste artifício. As moças que crescerão dentro do padrão comportamental rigidamente controlado não irão questionar sua condição, pois não terão perspectiva de uma premissa diferente, como explica às Aias Tia Lydia, uma das freiras responsável por educá-las:

Vocês são uma geração transicional, disse Tia Lydia. É mais difícil para vocês. Nós sabemos dos sacrifícios os quais são esperados que vocês façam. [...] será mais fácil para as que virão depois de vocês. Elas aceitarão seus deveres com corações cheios de boa vontade. Ela não disse: porque elas não terão memória alguma, de uma outra conduta. Ela disse: porque elas não irão querer o que não podem ter (ATWOOD, 2017, p. 127, tradução minha)<sup>18</sup>

O processo de construção de um mito se inicia com a quebra dos parâmetros anteriores a ele. Busca-se apagar todos os traços de sua existência ou transformá-los em noções negativas que devem ser repudiadas. Deve-se negar tudo que não se encaixa na nova ideologia para que não haja conflito de ideias. A etapa seguinte é estipular quais serão as novas propriedades que irão compor a recém-adquirida crença.

Os processos que foram modificados ou erradicados em Gilead, desde as questões mínimas, como o código de vestimenta recatado e as mudanças nas instruções de vida e acadêmicas dadas às jovens mulheres, possuem uma origem comum, que é o novo propósito de vida estendido às moças: o casamento.

Mister se faz compreender que previamente à tomada do poder em Gilead, ainda Estados Unidos da América, os casamentos haviam atingido o patamar de um ato feito unicamente pela expressão da vontade dos pares, podendo estes usarem motivos quaisquer para tal. As relações se estabeleciam a partir de laços de amor e de interesse, fosse amoroso, financeiro ou por status. Aos homens e mulheres era permitido o pedido do divórcio, quando a relação não mais lhes fosse quista e isto os colocava em posição de igualdade, perante a lei (BEAUVOIR, 2016a, p.159).

Entende-se, doravante estes preceitos, que o casamento não era a forma exclusiva de interação sexual-amorosa entre as pessoas, existindo inclusive relações entre pessoas de mesmo

<sup>17</sup> “Where is she? What have you done with her? [...] She’s in good hands, they said. With people who are fit. You are unfit” (ATWOOD, 2017, p. 49)

<sup>18</sup> “You are a transitional generation, said Aunt Lydia. It is the hardest for you. We know the sacrifices you are being expected to make. [...] For the ones who come after you, it will be easier. They will accept their duties with willing hearts. She did not say: Because they will have no memories, of any other way. She said: Because they won’t want things they can’t have” (ATWOOD, 2017, p. 127)



sexo, o que indica mais fortemente a formação e laços não voltados para o interesse da reprodução, ao menos não de forma primordial e onde havia o equilíbrio de forças, a exemplo de uma relação entre duas mulheres (ATWOOD, 2017, p. 180). Entretanto, historicamente esse perfil era desviante do que foi por muitos anos o casamento.

Desde sua concepção, a instituição do casamento traz como motivações, nos tempos antigos, buscar uma maneira de agregar e preservar patrimônios, sendo as mulheres incluídas nessa classificação na qualidade de bens.

O paradigma matrimonial instaurado em Gilead em muito se assemelha aos modelos conjugais dispostos na história ocidental, com algumas adaptações sutis feitas em razão do propósito social da nova Federação teoricamente se basear na exaltação da fertilidade feminina. “O marido governa, a mulher administra, os filhos obedecem” (BEAUVOIR, 2016a, p. 161), esses princípios foram resgatados em Gilead para reforçar a dominação dos homens, que havia sido perdida. Este ideal justifica a razão pela qual cabe às Esposas disciplinarem as Martas e as Aias, não tendo os maridos poder para intervir no que se ficasse definido por suas Esposas (ATWOOD, 2017, p. 170).

A partir desse contexto matrimonial exposto na obra, é possível notar que a autora retoma com sua narrativa um conceito de sociedade comum aos escritos da literatura vitoriana. A literatura evoluiu dessas construções juntamente às mudanças que ocorriam na sociedade, passando da literatura vitoriana para o modernismo. Há na narrativa distópica de Atwood o espelhamento da sua narrativa futurística com aspectos históricos sociais que foram narrados pela literatura da época. Esse resgate é perceptível na concepção de relação entre homens e mulheres presentes na obra de Atwood.

Se em algum momento houve certo tipo de paridade entre marido e mulher, esta se perde no momento em que as rédeas saem das mãos das mulheres e passam somente às mãos dos homens. Dofred chega a essa conclusão no momento em que seus bens são passados para seu marido Luke, como na sociedade vitoriana, retratada por Jane Austen e outros autores e este demonstra não estar tão abalado pelos acontecimentos recentes.

[...] alguma coisa havia mudado, algum equilíbrio. Eu me sentia encolhida, então quando ele colocou seus braços em volta de mim, me apanhando, eu estava do tamanho de uma boneca. [...] Ele não se importa, eu pensei. Ele não se importa nem um pouco. Talvez ele até goste disso. Nós não pertencemos um ao outro, não mais. Em vez disso, eu pertencço a ele (ATWOOD, 2017, p. 192, tradução minha)<sup>19</sup>

<sup>19</sup> “[...] something had shifted, some balance. I felt shrunken, so that when he put his arms around me, gathering me up, I was small as a doll. [...] He doesn’t mind, I thought. He doesn’t mind at all. Maybe he even likes it. We are not each other’s, anymore. Instead, I’m his.” (ATWOOD, 2017, p. 192)

Como exposto anteriormente, altera-se a formatação do casamento de modo a pender a balança de poder para o lado dos homens, novamente, uma vez que este é um modelo antigo que foi reformulado, onde o amor não era motivo principal para se formar uma união. Na visão dos comandantes, os anos em que as relações se estabeleciam livremente e em igualdade é que eram tempos atípicos e o estabelecimento da nova ordem se deu de maneira a corrigir o curso da história, ajustando-o às leis da natureza (ATWOOD, 1895, p. 231).

As mulheres que nasceram e cresceram nesses tempos chamados atípicos, mesmo as ainda crianças quando o regime de Gilead foi instaurado, não podem ser verdadeiramente convertidas, apenas adestradas a obedecer e, portanto, nem mesmo as freiras jovens e férteis que aceitassem se converter são confiáveis para ocupar cargos importantes como o de Esposa de algum comandante (ATWOOD, 2017, p. 232). Para corrigir sua ideologia, é preciso que se iniciem as moças da nova geração desde o berço a terem somente os preceitos de Gilead como verdade absoluta.

Cabe às mães, então, a criação das filhas, e muito provavelmente esta responsabilidade foi passada também às Martas, pois neste sistema de divisão de tarefas domésticas entre as mulheres, as crianças passam a ser de todas, de certo modo (ATWOOD, 2017, p. 145). Dentre essa criação está também a educação acadêmica das jovens moças, mas esta não é mais uma das grandes preocupações considerando que a instrução das mulheres é terminantemente proibida, estas não tendo permissão para ler. Até mesmo o segurar de uma caneta é um crime grave.

Possivelmente estas condições sirvam para que se obtenha um maior controle, através da dominação intelectual, o que é também um espelho dos tempos antigos do ocidente, porque uma mulher letrada é perigosa e deve ser temida.

“Ai de mim! Uma mulher que se vale da pena/ É considerada uma criatura tão presunçosa / Que não tem nenhum meio de se redimir de seu crime!” (BEAUVOIR, 2016a, p. 154). Esta noção do valor da caneta não passa despercebida por Dofred, que em suas reuniões secretas com o Comandante exercita a leitura quanto pode (ATWOOD, 2017, p. 194), mas é só quando, ao pedir que o Comandante lhe explique o significado da frase *Nolite te bastardes carborundorum*<sup>20</sup> e este lhe pede que a escreva já que ela não sabe como pronunciar a sentença,

<sup>20</sup> Frase inventada para imitar o Latim. No livro tem sua origem explicada como uma sentença criada por garotos de colégios particulares para significar algo como “Não deixe os bastardos te moerem”. Explicado por Atwood em entrevista à revista *Time*, a frase é uma brincadeira de infância oriunda das classes de Latim das quais a autora era aluna. Esta frase é repetida como um lema pela protagonista Dofred diversas vezes ao longo da narrativa, após esta tê-la descoberto cravada no interior do armário de seu quarto possivelmente pela Aia que ali residia anteriormente.

tendo a caneta em mãos, que esta se dá conta da dimensão que comporta o pequeno objeto e esta se dá conta do quanto inveja a liberdade de se possuir uma caneta.

A caneta entre meus dedos é sensual, quase viva, eu posso sentir seu poder, o poder são as palavras que ela contém. Caneta é Inveja, diria Tia Lydia, citando outro mote do Centro, nos alertando para ficarmos longe de tais objetos. E eles estavam certos, é sim inveja. Apenas segurá-la é inveja. Eu invejo a caneta do Comandante. (ATWOOD, 2017, p. 196, tradução minha) <sup>21</sup>

A simetria traçada entre a caneta, a sensualidade e poder remete também à proximidade entre as palavras “caneta” e “pênis” em inglês<sup>22</sup>. A caneta está para o poder assim como pênis também o está, pois neste contexto social ambos são associados somente ao masculino e ambos conferem aos homens prestígio. Como explica Beauvoir na primeira parte do segundo volume de *O segundo sexo* (2016b) denominada formação: a inveja do pênis, teoria muito trabalhada pelo psicanalista austríaco Sigmund Freud, advém não do órgão em si, somente, mas das facilidades que este proporciona ao homem tanto no sentido físico quanto no que diz respeito a seu local na sociedade.

A inveja do falo e, portanto, do homem, surge em razão da preponderância que este possui e que as mulheres almejam. A partir disso se chega à última das motivações dos homens para tentarem se projetar acima das mulheres: eles estavam sendo alcançados por elas e deste modo não tinham mais a noção auto concebida de si mesmos como seres superiores. Na visão dos homens, a consequência da conquista da igualdade social quase alcançada pelas mulheres destituiu-as de seu valor. Posto pelo próprio comandante, não havia mais pelo que se lutar, o senso de conquista de uma mulher havia se perdido, pois não se tomavam mais estas a força, elas por si mesmas decidiam se aceitavam ou não a corte.

A idealização da mulher como ser divino, distante e imaculado se faz necessária para que os homens tenham o interesse em alcançá-las. Os ideais de perfeição servem aos rapazes como estímulo para que se superem. Perdido este mito, como estava acontecendo nos Estados Unidos da América, os homens recaem em um marasmo existencial, pois não estão mais maravilhados pelas magníficas qualidades do Outro. A mulher estava em vias de se concretizar, se tornar real, tangível e com isso não seria mais desejável.

A problemática da mitificação da mulher está justamente na busca dos homens por atingi-las e possuí-las. Isto pode ser observado na insatisfação que os homens sempre apresentam em relação a elas, independente de como se portem, o que é observado na figura do

<sup>21</sup> “The pen between my fingers is sensuous, alive almost, I can feel its power, the power of the words it contains. Pen is Envy, Aunt Lydia would say, quoting another Centre Motto, warning us always from such objects. And they were right, it is envy. Just holding it is envy. I envy the Commander his pen.” (ATWOOD, 2017, p. 196)

<sup>22</sup> A palavra “caneta”, em inglês “pen”, é a primeira sílaba da palavra “pênis”, “penis”.

Comandante na obra. Ele demanda de Dofred, ao torná-la sua amante, o consolo que poderia buscar em sua Esposa, mas que não poderia forçá-la a dá-lo, não sendo esse consolo então tão valoroso.

Podemos relacionar o texto de Atwood com o de Beauvoir, quando esta escreve: “a magia da mulher dissipa-se em vez de se transfigurar; reduzida à condição de serva, ela não é mais a presa indomada em que se encarnavam todos os tesouros da natureza” (BEAUVOIR, 2016a, p. 255). Ao ser Esposa, ou seja, domada, a mulher perde seu valor de presa, pois não há mais a possibilidade de conquista.

Não obstante, essa caça pela mulher ideal persiste e disso resulta a necessidade da criação do novo mito da mulher, através das novas gerações de garotas que serão criadas sob os vieses do governo de Gilead, pois os homens desejam aquilo que não podem ter. Eles desenvolvem então o arranjo dos casamentos, retomando o conceito de esposas-crianças, desposam jovens militares com moças de 14 anos criadas em redomas e inteiramente recobertas, para tentar reconstruir certo mistério em torno do feminino (ATWOOD, 2017, p. 231) visto que este se perdeu quando as mulheres passaram a se expor tanto quanto os homens.

Sem a força de controle que a religião proporciona a figuras de autoridade, esta trama não teria como ser formulada ou implantada, dado que para tal foi preciso a comunhão de pensamentos e ações de inúmeras pessoas, não havendo socialmente tantas instituições capazes de promover um feito como este. Por ser também uma substância de criação masculina a religião pode ser direcionada e utilizada em sua ideologia de manipulação e controle.

A célebre frase de Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto” (BEAUVOIR, 2016b, p. 11), sendo aplicada à conjuntura da construção de Gilead, sua premissa, seus valores, suas castas e suas crenças, serve como um raio-X do destino dado às mulheres da nação de Gilead.

As mulheres em Gilead foram extirpadas de suas vidas e forçosamente inseridas em circunstâncias inimagináveis, perdendo suas identidades, propriedades e autonomia. Foram reformuladas para serem inseridas no que é imposto como o “ser mulher”, a partir da visão dos homens. Forçadas a se readaptar sem direito de escolha ou meio de impedir o desenvolvimento de seus novos “hábitos”.

O modelo de educação de uma sociedade é uma forma poderosa de designar o destino de alguém, e a partir de uma reflexão da protagonista em uma das passagens do livro vê-se que

as novas designações criadas para Gilead podem ser irreversíveis caso reforçadas por tempo suficiente. “Era assim que vivíamos antes? Mas nós vivíamos como sempre vivemos. Todo mundo o faz, na maior parte do tempo. O que quer que esteja vigente é normal. Até isso é como sempre vivemos, agora” (ATWOOD, 2017, p. 66, tradução minha)<sup>23</sup>.

<sup>23</sup> “Is that how we lived then? But we lived as usual. Everyone does, most of the time. Whatever is going on is usual. Even this is as usual, now” (ATWOOD, 2017, p. 66)

### 3 A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO: A CARACTERÍSTICA INEBRIANTE DO PODER RELIGIOSO

A república de Gilead se sustenta sobre uma ordem social que assegura a dominação masculina. Ao determinar o acesso somente de homens a cargos políticos e cargos de reforço da ordem, como a força policial, não há espaço de contestação quanto às restrições impostas às mulheres. Tal contexto só se mostra viável devido ao forte controle social que foi desenvolvido em Gilead. Um controle que se pauta imensamente no fator político, com base no aspecto religioso. Existem diversos modos de se promover o controle das massas e neste capítulo iremos tratar do fator fundamental que é a religião, no tocante ao domínio social.

O artifício da fé, nas sociedades humanas, ocorre de modo aparentemente espontâneo e verdadeiramente divino, portanto, real e indubitável. Estas crenças, entretanto, só surgem em razão da necessidade humana de explicar os fenômenos que circundam sua existência. A qualidade de origem divina das religiões retroalimenta seu poder de controle social, pois algo que surge de forças superiores às forças humanas há de ser obedecido.

A fonte, modelo e autoridade das relações, regulamentos e instituições humanas não são, portanto, simplesmente a natureza, e certamente não os próprios humanos, mas são os agentes e realidades sobre-humanos mencionados na religião. Por conseguinte, a cultura é extra-humana e sobre-humana, mas acima de tudo ela é dada aos humanos ou criada para eles. (ELLER, 2018, p. 218)

Por intermédio deste mecanismo religioso, normas sociais são formuladas e estipuladas, visto que “existem muitos assuntos sobre os quais essas tradições ensinam. Entre estes assuntos estão: origens e fins, razões e relações, saúde e doença, moralidade e sentido, e praticamente qualquer outro tópico que possa vir à mente dos humanos” (ELLER, 2018, p.83).

Essas tradições, ao obterem força social suficiente, ou seja, adeptos o bastante para que haja um grande alcance e poder, por vezes passam a ser impostas a uma sociedade, através da junção entre religião e estado. A tração que as ideias religiosas obtêm no âmbito social se dá em razão de que estas, como posto por Clifford Geertz, nas palavras de Jack David Eller “podem, para o membro, estar mais na linha do “senso comum” do que de uma proposição.” (ELLER, 2018, p.67) Não seriam então questionadas as postulações religiosas, dado sua condição de verdades sociais comuns aos integrantes daquela comunidade.

A fé deixa de ser então um artigo de cunho pessoal e moral e se torna uma obrigação social, legislada pelo poder estatal e judiciário. Émile Durkheim declarou sobre a moral que:

A lei e a moralidade são a totalidade dos laços que nos ligam à sociedade, que transformam a massa de indivíduos num conjunto unitário e coerente. Tudo aquilo que é fonte de solidariedade é moral; tudo aquilo que força o homem a dar atenção a

outros homens é moral; tudo aquilo que o obriga a regular sua conduta mediante algo que não seja o esforço do ego é moral; e a moralidade é tão sólida quanto estes laços são numerosos e fortes (DURKHEIM, 1933, p. 398 *apud* ELLER, 2018, p. 214)

O amálgama de uma crença em específico e da moralidade eleva então a religiosidade ao patamar de elemento vital. Se a fé é a moralidade e, como posto por Eller “A moralidade num sentido importante é a sociedade, ou talvez a sociedade é a moralidade” (ELLER, 2018, p. 214) inúmeros atos e proibições que moldam as dinâmicas sociais em diversas esferas passam a ser justificados.

Temos, na atualidade, diversos exemplos desse controle. No âmbito da educação, os professores de escolas religiosas balizam seus ensinamentos de modo a não ofender ou contradizer os escritos. Por exemplo, nas aulas de biologia, o criacionismo é postulado como verdade e o evolucionismo como heresia. No campo da saúde, os médicos se deparam com a dificuldade de tratar pacientes que são testemunhas de Jeová, pois estes não aceitam transfusões de sangue por razões religiosas.

Este modelo se repetirá em diversos outros campos, como a ciência em que cientistas direcionam seus estudos de modo a não contestar preceitos religiosos. Na área cível temos o conceito de casamento, cuja noção de família passa a ser aquela determinada pelos escritos sagrados. No mundo ocidental, o casamento é entre um homem e uma mulher, mas em certas partes do oriente, um casamento pode ser constituído por um homem e diversas mulheres.

Neste capítulo, será tratada a potência religiosa e seus aspectos formadores da psique humana e sua consequente influência nas interações sociais. Qual é a relevância da religião para a formação do ser humano em Gilead? Como a religião pode ser usada como ferramenta de controle no contexto social do romance *O conto da aia*? E de que modo este controle é exercido massivamente sobre as mulheres desta sociedade?

### 3.1 A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE DE GILEAD

O aspecto religioso na vida humana é inegavelmente significativo. Em um estudo conduzido em 2010, estimava-se que aproximadamente 84% da população (de um total de 6,9 bilhões de habitantes) possuíam algum tipo de afiliação ou identificação com um grupo religioso<sup>24</sup>. É importante ressaltar que cada um desses credos possui suas singularidades

<sup>24</sup> “No mundo todo, mais de oito a cada dez pessoas se identificam com algum grupo religioso. Um estudo demográfico integral de mais de 230 países e territórios conduzido pelo Fórum de Pesquisas em Religião e Vida Pública do Centro de Pesquisa PEW estima que existem 5,8 bilhões de adultos e crianças afiliados a religiões ao redor do mundo, representando 84% da população mundial de 6,9 bilhões de pessoas em 2010” (HACKETT; GRIM, 2017, p.1, tradução minha).

distintas (e por vezes partilhadas). Isto posto, observa-se que, independentemente da localidade ou cultura, a religião se faz presente na vida pessoal e em sociedade há séculos e se mantém presente até os dias atuais.

O questionamento quanto à relevância da existência de tantas variadas manifestações de fé surge diante dos dados expostos. Em um segundo plano, surge também a dúvida quanto aos aspectos que validam esta perpetuação, ocorrendo esta por tantos povos que pouco tem em comum entre si no tocante a costumes e modo de vivência.

A religião surge devido à necessidade do ser humano de explicar os fenômenos para os quais não possui resposta. Tal qual as lendas e mitos, (muito presentes na cultura da antiga Grécia, de Roma, da Pérsia e mesmo do antigo Egito), a curiosidade humana somada a sua necessidade de saná-la guia os homens a se voltar ao sobrenatural de maneira a soluções para os mistérios da natureza, da existência e também da complexidade humana. Neste diapasão, a religiosidade configura para os homens um sustentáculo sobre o qual se apoia principalmente a consciência de si mesmo no mundo.

No que tange à sociedade de Gilead, a religião adotada é alguma ramificação do Velho Testamento, o que pode ser observado pelo uso de passagens das escrituras do livro da Gênese (BÍBLIA, 1998). A nova estruturação social, que origina Gilead, se baseia na história de Rachel e sua criada Bila (Gên 29:29). Sendo Rachel casada com Jacó, após se descobrir estéril, oferece a ele Bila, sua criada, para que esta fosse sua concubina e assim pudessem produzir herdeiros (Gên 30:1-3).

Esta passagem, tanto da Bíblia Cristã quanto da Bíblia Hebraica, é escolhida para justificar a solução determinada pelos novos governantes que visa solucionar a crise de natalidade que assolou o território anteriormente conhecido como Estados Unidos da América.

A partir do estabelecimento deste pilar que comunga religião e Estado, a religiosidade passa a ocupar, na sociedade, a função de ordenamento, também no âmbito Estatal. Consequentemente, a religião não pode ser questionada, pois isto implicaria no possível ruir de diversas estipulações nas quais foi apoiada a formação da sociedade. Sem tais determinações as ligações sociais não poderiam se manter, ocasionando a decadência.

Mas não é apenas enquanto ordem mundana de relações humanas que a sociedade proporciona tanto a forma quanto a substância para interesses religiosos/morais: “a sociedade também consagra coisas, especialmente ideias” (DURKHEIM, 1965, p.244). Ou seja, umas das propriedades ou funções da sociedade é cercar suas realidades sociais com aquilo que, nas palavras de Geertz, é uma “aura de factualidade” e (ou, talvez, por meio de) uma aura de sacralidade (ELLER, 2018, p.215)

Esta configuração distorce a dinâmica do homem versus a religião, ou seja, as delimitações que determinam a divisão entre o que compete ao homem e o que advém da religião não são bem definidas, o que serve para retroalimentar este mesmo sistema.

Para além da característica constituinte, a religião ocupa em Gilead a função penal e, por consequência, sancionadora. Os atos considerados criminosos são aqueles que, de algum modo, ferem o regulamento proposto e reafirmado pelos escritos sagrados. Os oficiais da lei são chamados de Guardiões da Fé e constituem a patrulha responsável pela manutenção da ordem.

Os guardas de elite, responsáveis pelas prisões e por deter os cidadãos que incorrem em alguma infração, além de combaterem aqueles tidos como rebeldes são chamados de Anjos. Há também aqueles que são chamados de “Olhos” (tendo este nome, pois são os olhos de Deus), olheiros à paisana que mantém as autoridades informadas quanto a qualquer atividade que considerem suspeitas. (ATWOOD, 2017, p. 29-32).

Há em Gilead uma miríade de atividades consideradas ilegais, ou mesmo suspeitas, suscetíveis a denúncias. Estas variam de cochichos, que podem ser entendidos como conspiração, à oposição explícita por meio de atos revolucionários, pautada na divergência de crenças. Mesmo o calar pode ser entendido como descontentamento, como exposto por DoFred ao ser questionada por turistas sobre seu estado de espírito quanto à situação em Gilead (ATWOOD, 2017, p.39). A convergência entre tais atividades se encontra na natureza destas, ou seja, na qualidade de confronto à religião dominante que estas partilham.

Na obra, a protagonista relembra o caso de uma Marta que fora assassinada por Guardiões ao buscar em suas vestes seu cartão de identificação. Seu gesto é confundido por um possível ato terrorista, pois os Guardiões pensam que ela buscava acionar uma bomba, e a Marta é alvejada (o conceito do homem-bomba suicida é atrelado aos mulçumanos, de religião fortemente opositora à Cristã).

Ainda em outra passagem, a protagonista DoFred conversa com outra Aia, de nome DoGlenn, sobre uma notícia recente do afugentamento por parte dos Anjos de rebeldes, que são identificados como Batistas (uma das correntes da religião evangélica, também divergente da religião Católica). (ATWOOD, 2017, p.29).

Todas as outras religiões são caçadas e punidas (seja por morte ou por condenação ao trabalho forçado). Isto pode ser observado na passagem onde uma reportagem televisiva informa que uma rede de espionagem foi desmantelada pelos Olhos e “cinco membros do herege séquito Quaker foram presos” (ATWOOD, 2017, p. 93). O Judaísmo é a única religião

que serve de exceção a essa determinação, pois a eles foi permitida a escolha, como pode ser compreendido a partir da reflexão de DoFred ao ver novos corpos executados no Muro:

Somente dois pendurados hoje: um católico, entretanto não um padre, com um cartaz com uma cruz de cabeça para baixo, e algum outro séquito que eu não reconheço. O corpo está marcado com um J, em vermelho. O J não significa judeu, para estes seriam estrelas amarelas. De qualquer forma não tem havido muitos destes. Porque eles foram declarados Filhos de Jacó e assim sendo especiais, a eles foi dada uma escolha. Eles poderiam se converter ou emigrar para Israel. (ATWOOD, 2017, p. 210-211, tradução minha)<sup>25</sup>

Esta possibilidade de escolha de conversão possivelmente se deve em razão da convergência de crenças, visto que o Livro Sagrado escolhido para ser seguido, O Livro da Gênese (BÍBLIA, 1998), é comum às duas religiões. Deve ser observado, entretanto, que mesmo essa indulgência estendida aos Judeus não era de todo benevolente. A intolerância previa que, para permanecerem vivos, os judeus deveriam se converter à nova ordem religiosa, renegando suas próprias crenças. Como posto na obra “entretanto, você não é enforcado apenas por ser judeu. Você é enforcado por ser um judeu barulhento que não faz a escolha. Ou que finge se converter.” (ATWOOD, 2017, p. 211, tradução minha)<sup>26</sup>.

Ante o exposto nos fragmentos citados, a vitalidade da religião na estruturação da sociedade e sua manutenção, dentro do contexto social de Gilead, se provam irrefutável. A extensão, à qual a influência do elemento religioso se ramifica se inicia a partir de preceitos sociais e alcança e o campo da moral individual, especialmente no tocante à sexualidade.

### 3.2 O CONTROLE RELIGIOSO DA SEXUALIDADE NA SOCIEDADE DE GILEAD

Por ser um dos aspectos mais relevantes da vida humana, e, portanto por impactar diversos outros, a sexualidade é severamente controlada pela religião. Richard Von Krafft-Ebing, psicanalista alemão, estudioso da sexualidade, é citado por Guacira Lopes Louro em sua obra *O Corpo Educado*, quanto a esta relevância. Segundo ele, poucas pessoas "estão conscientes da profunda influência exercida pela vida sexual sobre o sentimento, o pensamento e a ação do homem nas suas relações sociais com os outros" (KRAFFT-EBING *apud* LOURO, 2000, p. 27). A autora esclarece que este não é mais o panorama da atualidade, visto os inúmeros estudos que existem na área. Estabelecida a magnitude da sexualidade, a primeira abordagem

<sup>25</sup> “Only two hanging on it today: one Catholic, not a priest though, placarded with an upside-down cross, and some other sect I don’t recognize. The body is marked only with a J, in red. It doesn’t mean Jewish, those would be yellow stars. Anyway there haven’t been many of them. Because they were declared Sons of Jacob and therefore special, they were given a choice. They could convert, or emigrate to Israel.” (ATWOOD, 2017, p. 210-211)

<sup>26</sup> “You don’t get hanged only for being a Jew though. You get hanged for being a noisy Jew who won’t make the choice. Or for pretending to convert” (ATWOOD, 2017, p. 211)

adotada em Gilead para a questão é a negação do poder desse fator, resumindo-o a algo facilmente controlável pela força de vontade, no que concerne às mulheres.

Este autocontrole é então validado como virtude. Quanto maior o autocontrole, maior a entrega à religião e assim mais louvável é este ato. A este exemplo, Eller ressalta a importância do sacrifício para algumas religiões.

Se existe uma expressão universal de violência nas religiões, provavelmente não é o sacrifício, mas antes a automortificação – qualquer uma das milhares de maneiras como os humanos impõem privações, se ferem ou até se matam a si mesmos por razões espirituais [...]. Os participantes dos ritos precisaram muitas vezes observar restrições comportamentais a respeito de alimento ou de sono ou de sexo (ELLER, 2018, p. 375)

Ainda que a estruturação social ocorra em torno do quesito reprodutivo, o próprio ato de reprodução é destituído de sua conotação sexual, adentrando o âmbito do ritualístico sacro. É preciso ressaltar que isto não é novo, a relação entre sexualidade e sua expressão no contexto social é relativamente recente, surgindo após o século XIX, como expresso por Guacira Lopes Louro:

Embora se possa argumentar que as questões relativas aos corpos e ao comportamento sexual têm estado, por muito tempo, no centro das preocupações ocidentais, elas eram, em geral, até o século XIX, preocupações da religião e da filosofia moral. Desde então, elas têm se tornado a preocupação generalizada de especialistas, da medicina e de profissionais e reformadores morais. O tema ganhou, no final do século XIX, sua própria disciplina, a sexologia, tendo como base a psicologia, a biologia e a antropologia, bem como a história e a sociologia. Isso teve enorme influência no estabelecimento dos termos do debate sobre o comportamento sexual. A sexualidade é, entretanto, além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo, portanto, uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosas. (LOURO, 2000, p. 26)

O vínculo entre sexualidade e política (determinado por intermédio da religião) é parte vital da conjuntura social de Gilead, uma vez que toda atividade sexual na comunidade é regulamentada pelo Estado e permitida somente quando validada pela religião. Só pode ocorrer entre homens e suas designadas aias, uma vez ao mês, com o intuito da procriação.

Na qualidade de ritual sagrado, o sexo é permitido e louvado, mas qualquer outro tipo de engajamento sexual é reprimido. A relação sexual homoafetiva, a exemplo, é chamada de traição de gênero e tem como punição a execução de seus praticantes (ATWOOD, 2017, p. 53).

Por conter a sexualidade humana mais elementos que somente o coito em si, a religião os abarca. Os outros fatores que culminam no ato sexual são eliminados. As roupas são pré-determinadas a partir da classe social de cada cidadão, o contato entre homens e mulheres é limitado e as mulheres passam a ser, em verdade, objetos de validação da posição social do homem. Aqueles que são dignos, sendo esta dignidade medida pela posição social, tem uma mulher atribuída a eles para o matrimônio (as Econoesposas) ou para a procriação (as Aias)

(ATWOOD, 2017, p. 32). Visto que os casamentos são arranjados (ATWOOD, 2017, p. 233) o elemento do cortejo é retirado do panorama da sexualidade e todo ato de sensualidade é sacrilégio. A masturbação (ou a pornografia, por incitar a sexualidade) é severamente proibida e combatida. Isto pode ser compreendido pela reflexão da protagonista quanto a dois jovens guardiões que a observam desejosos. Os jovens não tem permissão para tocar uma mulher e “Eles irão sofrer mais tarde em suas camas regimentadas. Eles não têm nenhuma válvula de escape agora exceto eles mesmos, e isso é um sacrilégio. Não há mais revistas, nem filmes, nem outros substitutos [...]” (ATWOOD, 2017, p.32, tradução minha).

Paralelamente, o combate à pornografia é uma pauta presente no livro também em outro momento, ainda na época pré-Gilead. Ao rememorar sua própria mãe, uma feminista atea convicta (ATWOOD, 2017, p. 129), Dofred relembra um episódio de sua vida em que uma pilha de revistas pornográficas foi incinerada por um grupo de ativistas feministas em um parque (ATWOOD, 2017, p. 48). O conflito entre estes atos de combate à pornografia, que aparentam convergir, existe pelo protesto feminista ao qual a mãe de Dofred atendeu ocorrer com base no entendimento da pornografia como algo degradante para as mulheres. Já a proibição da pornografia no regime de Gilead, com cunho religioso, ocorre por visar extinguir o estímulo ao ato sexual, partindo de uma base puritana.

Enquanto o questionamento feminista surge como uma tentativa de valorização da mulher, o de natureza religiosa exprime o oposto. Somado à imposição de que estas cubram totalmente seus corpos e que não devem ser olhadas diretamente por homem algum, a extinção da pornografia surge ao colocar a mulher como perpetradoras da incitação sexual, ou seja, seres que inspiram o pecado no homem (ATWOOD, 2017, p. 18-19; 31). Os homens são construídos como animais sexuais, que somente pensam em sexo (ATWOOD, 2017, p. 153), cabendo às mulheres então controlá-los, portanto, recaindo sobre elas a responsabilidade sobre isto.

Esta noção advém da ideia de mulheres como agentes passivas do sexo e os homens como ativos, cabendo a elas então impor as barreiras e frear as investidas, noção que parece perdurar mesmo dentro da esfera científica da sexologia, como postula Louro:

De fato, os sexólogos frequentemente (sic) perpetuaram uma tradição antiga, que via as mulheres como "o sexo", como se seus corpos estivessem tão saturados de sexualidade que nem havia necessidade de conceptualizá-la (sic). Mas é difícil evitar a sensação de que, em seus escritos e talvez também em nossa consciência social, o modelo dominante de sexualidade é o masculino. Os homens são os agentes sexuais ativos; as mulheres, por causa de seus corpos altamente sexualizados, ou apesar disso, eram vistas como meramente reativas, "despertadas para a vida" pelos homens, na significativa frase de Havelock Ellis. (LOURO, 2000, p. 27)

No romance, esta ideia de passividade sexual e sua consequente responsabilidade é muitas vezes também entendida como culpa, pois se o sexo ocorre foi por falta de discernimento



da mulher que tentou o homem e este, um reles animal que não pode ser culpabilizado por sua natureza, cedeu a seus impulsos. É aceito e esperado socialmente que o homem busque o sexo, pois é entendido que para além das questões fisiológicas, como postula Havelock Ellis “‘O sexo penetra a pessoa inteira; a constituição sexual de um homem é parte de sua constituição geral’. Há uma considerável verdade na expressão: ‘um homem é aquilo que o seu sexo é’” (ELLIS, 1946, p.3 *apud* LOURO, 2000, p. 27).

Mesmo o caso de um estupro coletivo sofrido por uma das aias, de nome Janine antes de se tornar DoWarren, é entendido como de sua responsabilidade por parte das irmãs que cuidam do Centro Vermelho (local onde as Aias aprendem a ser Aias). As Aias em treinamento circundam Janine enquanto esta relata o que lhe ocorreu quando ela tinha 14 anos e são perguntadas pelas irmãs de quem foi a culpa do ocorrido, ao que todas respondem “Dela! Dela!” (ATWOOD, 2017, p. 81-82, tradução minha).

Mencionamos anteriormente que toda atividade sexual é controlada pelo Estado, mas em verdade a noção do quesito biológico que impulsiona os ímpetus sexuais é desconsiderada somente para a maioria (no que tange às mulheres e aos cidadãos menos importantes), pois este é tratado com indulgência para os homens importantes da sociedade.

Na parte XII do livro, intitulada Jezebels, a protagonista DoFred é esgueirada por seu comandante a um estabelecimento (chamado por seus frequentadores de clube) onde homens proeminentes mantém encontros secretos com prostitutas (ATWOOD, 2017, p. 207-269). As mulheres ali presentes não o fazem por livre escolha, são coagidas a aceitar serem prostitutas, pois a outra opção é o trabalho forçado nas colônias.

A aparente contradição entre a existência de um prostíbulo em uma sociedade onde se prega a moral e a família é justificada pelo Comandante como algo essencial para o equilíbrio social. Seria um efeito da necessidade biológica que o homem tem de ter múltiplas parceiras. Nas palavras dele “A Natureza demanda variedade, para o homem. Parece lógico, parte da estratégia procracional. É o plano da Natureza” (ATWOOD, 2017, p. 249, tradução minha). Entretanto, somente uma casta, formado unicamente por homens, tem acesso a essa liberdade sexual ressaltando o apagamento feminino.

Quando somado à colocação de Tia Lydia sobre a necessidade de as Aias aprenderem a manipular os homens, pois estes “são máquinas de sexo e nada mais”, é possível traçar a razão da permissão que eles têm de manterem amantes. “É o jeito da Natureza. É o aparato de Deus. É como as coisas são”, ou seja, há uma justificativa divina para o comportamento dos homens, o que abona a malícia do ato (ATWOOD, 2017, p. 153, tradução minha).

Compreende-se, portanto, que ainda que o sexo seja, para Krafft-Ebing, “uma ‘força absolutamente avassaladora’, exigindo satisfação.” (KRAFFT-EBING, 1931, p.1 *apud* LOURO, 2000, p. 27) assim o é socialmente validado somente para os homens. São as mulheres então destituídas de seu caráter sexual-pessoal, tendo apenas valor sexual no sentido de objetos de desejo e ferramentas de satisfação dos homens.

Em oposição a essa visão de Krafft-Ebing e Ellis do sexo como algo meramente biológico e determinante do Eu, Louro Lopes traz em seus escritos as reflexões dos sociólogos John Gagnon e William Simon, mostrando que eles:

[...] no seu livro *Sexual conduct* (1973), argumentam que a sexualidade está sujeita à modelagem sócio-cultural em um nível que é sopejado por poucas outras formas de comportamento humano. Isso contraria bastante a nossa crença normal de que a sexualidade nos diz a verdade definitiva sobre nós mesmos e sobre nossos corpos; ao invés disso, ela nos diz algo mais sobre a verdade de nossa cultura. (GAGNON; SIMON, 1973 *apud* LOURO, 2000, p.31)

A noção de “crença normal” dos autores se refere à naturalização social que ocorre quanto à sexualidade. Há nas sociedades um entendimento generalizado sobre a sexualidade e os impulsos advindos dela, que são institucionalizados no contexto social como orgânicos. Define-se então uma sexualidade e preceitos a respeito dela que são eleitos como normais e consequentemente a crença sobre eles também é normalizada.

Ao se tomar a interpretação da sexualidade como retrato da sociedade, permite-se determinar o quadro sócio-estrutural de Gilead e suas implicações. Para tal, mister se faz a compreensão do processo histórico que possibilitou a ascensão social dos homens e sua consequente maior liberdade social. Com este intuito o próximo tópico tratará sobre o estabelecimento do regime de Gilead e sua implicação no estabelecimento dos privilégios masculinos.

### 3.3 O FUNDAMENTALISMO MASCULINO: A SOCIEDADE DO SAGRADO FEMININO CONCEBIDA POR HOMENS

A vasta tolerância dos preceitos religiosos destinada aos homens é uma reflexão da posição que estes ocupam na sociedade desde sua concepção. Como visto nas páginas finais do romance, a narração dos eventos que ocorrem em um simpósio científico de estudos Gileadianos no ano 2195, o regime de Gilead foi imposto a partir dos esforços do grupo denominado Filhos de Jacó (ATWOOD, 2017, p. 318).

A partir da filosofia dos *think tanks*<sup>27</sup> dessa ideologia, todas as estruturas sociais foram pensadas colocando os homens em evidência e reconduzindo as mulheres ao *status* que os Filhos de Jacó acreditavam ser o correto: subservientes aos homens.

A palestra principal do supracitado vigésimo simpósio de estudos Gileadianos é conduzida pelo personagem professor James Darcy Pieixoto e trata do manuscrito chamado *O conto da Aia*. Esta noção de que o que foi narrado no romance por Dofred é um documento, surge somente nas páginas finais do romance, quando o relato de Dofred é utilizado para a compreensão do panorama inicial de Gilead por estudiosos da Universidade de Cambridge (ATWOOD, 2017, p. 311-324). Na transcrição da palestra, o leitor adquire o conhecimento de que Gilead teve duas fases, chamadas Gilead Inicial e Gilead Média (considerada ainda mais severa que a anterior), além de obter mais informações sobre como se deu o processo de tomada do poder pelo novo regime. A origem do regime é explicada a partir da visão dos acadêmicos da Cambridge ficcional, desenvolvida pela própria autora da obra. As raízes de citada origem são então clarificadas.

O primeiro ponto a ser exposto quanto à natureza da política de Gilead é estabelecido pelo título de um dos trabalhos do professor Pieixoto (sic), citado na obra (ATWOOD, 2017, p.312). Nomeado *Iran and Gilead: Two Late Twentieth-Century Monotheocracies, as Seen Through Diaries*, o título deste trabalho fictício da obra somado às palavras da autora Margaret Atwood na introdução escrita, em 2017, permite a definição de Gilead como um Estado totalitarista e autoritarista de fundamentação teológica. Atwood, ao discorrer sobre a questão de a obra ser ou não anti-religião, estipula esta qualidade autoritária ao escrever:

*The Handmaid's Tale* é anti-religião? Novamente, depende do que você quer dizer com isso. Verdade, um grupo de homens autoritários assume o controle e tenta restaurar uma versão extrema de patriarcalismo, no qual as mulheres (como os escravos americanos do século XIX) são proibidas de ler. Ademais, elas não podem controlar seu dinheiro ou ter empregos fora do âmbito doméstico, diferentemente de algumas mulheres na Bíblia. O regime usa símbolos bíblicos, como qualquer regime autoritário que tomasse o controle sobre a América faria (ATWOOD, 2017, p. XIII, tradução minha).<sup>28</sup>

A autora confirma então que o regime imposto em Gilead é de fato autoritário, que aliado a seu traço totalitário (haja vista que todos os aspectos da vida pública e privada nessa sociedade são controlados por seu governo), garante sua hegemonia. Ademais, pode ser descrito

<sup>27</sup> “Um grupo de experts reunidos, geralmente por um governo, para desenvolver ideias sobre um tópico em particular e para fazer sugestões de ações”. (CAMBRIDGE, 2018, tradução minha)

<sup>28</sup> “Is *the handmaid's tale* anti-religion? Again, it depends on what you mean by that. True, a group of authoritarian men seize control and attempt to restore an extreme version of the patriarchy, in which women (like nineteenth-century American slaves) are forbidden to read. Further, they can't control money or have jobs outside the home, unlike some women in the Bible. The regime uses biblical symbols, as any authoritarian regime taking over America would”. (ATWOOD, 2017, p. XIII)

como um sistema fundamentalista e assim “essencialmente antidemocrático, antiacomodacionista e antipluralista e viola, *por uma questão de princípio*, os padrões dos direitos humanos” (MARTY & APPLEBY, 1993:5 *apud* ELLER, 2018, p. 441).

Para que este governo fosse imposto, os *think-tanks* dos Filhos de Jacó precisariam de uma razão para a tomada do poder. Uma proposta de solução que validaria a necessidade desse novo governo, ainda que esta necessidade fosse forjada a partir de uma suposta desordem problemática que precisa ser sanada. O desarranjo social escolhido pelos Filhos de Jacó para validar sua empreitada foi a queda na taxa de natalidade da população.

Como forma de sanar esse problema, foram determinadas diversas medidas que viriam a moldar a estrutura do regime de Gilead. Ainda no período pré-Gilead já existiam soluções práticas para o fomento da fertilidade humana, como clínicas de fertilização, inseminação artificial e o uso de barrigas de aluguel. Entretanto, as duas primeiras foram banidas e somente a última, que possuía precedente bíblico, foi adotada e imposta pelo novo regime. Houve também, com o mesmo intuito, o estabelecimento da poligamia simultânea (ATWOOD, 2017, p. 317).

Eller elucida este fenômeno como um traço comum de novas religiões. Para assegurar sua existência, a nova doutrina usa a ideia de transgressões ou inversões da ordem social existente como explicações para os problemas que assolam aquela comunidade. Isto proporciona o ambiente ideal para a proposta da nova religião como elucidação destes, pois esta possui os princípios inovadores que irão reestabelecer a ordem (ELLER, 2018, p. 232).

Nesse contexto, Eller sugere a insatisfação com a realidade, como um dos principais fatores que causariam, em primeira instância, a busca para esta nova ordem. O propósito dessa nova ordem seria o reavivar ou modificar desta realidade. Eller retoma a teoria do antropólogo Anthony Wallace de revitalização, que sugere como ponto de insurgência desta necessidade um contexto de tensão psicossocial crônica dos indivíduos (WALLACE, 1956, p.265 *apud* ELLER, 2018, p. 255). E posta como a primeira das subfases do processo de revitalização a reformulação cultural/psicológica, o que espelha a situação da implantação de Gilead.

Para resolver essa situação de insatisfação dos homens, os princípios propostos pela nova gestão são criados por homens para os homens. Todas as diretrizes cuidadosamente elegidas pelos Filhos de Jacó colocam o homem em evidência na sociedade. Estes princípios asseguram a dominação masculina ao relegar-lhes todos os cargos de poder do Estado, sempre com a suposta anuência do divino, expressas nas passagens das escrituras que validassem seus



interesses. Buscou-se esta legitimação através da adoção de tradições preexistentes, que servissem para reforçar o controle dos homens.

Possivelmente o primeiro pretexto adotado se origina do fundamento utilizado para a imposição do sistema: a infertilidade. Determinou-se a necessidade de esforços que visassem o aumento da taxa de natalidade e para garantir a soberania masculina nega-se a esterilidade dos homens (ATWOOD, 2017, p.70), atribuindo-se esta falta apenas às mulheres. Ao fazê-lo, justifica-se que os homens estabeleçam um rodízio de Aias férteis, de modo a obter o maior índice de gestações possíveis.

Os argumentos utilizados nesse intuito, para além da negação da esterilidade masculina, se pautaram também no fator sociobiológico da teoria de poligamia natural, para justificar os padrões usados no regime (ATWOOD, 2017, p. 318). Outros padrões surgiram, como supracitado, da adoção de tradições de outras culturas (observamos tais apropriações em Gilead a exemplo dos véus que as esposas usam, muito comuns a mulheres praticantes de certas vertentes do Catolicismo).

Esta prática era algo não tão incomum dado que nenhum novo sistema pode efetivamente se estabelecer sem que sejam absorvidos alguns dos elementos do anterior que se busca suprimir (ATWOOD, 2017, p. 317). Segundo Eller, esta propriedade é bastante comum em religiões modernas e seus observadores:

[...] têm notado esta característica repetidas vezes – como um grupo que estabelece novas relações, tais como ocupar um novo território, desenvolvendo bases mítico-rituais para suas novas circunstâncias. Muitas vezes os recém-chegados irão apropriar-se de parte das crenças e práticas do grupo removido: às vezes eles irão sobrepor seus rituais ou mitos aos anteriores, por exemplo adotando os mesmos dias para atividades rituais [...] ou literalmente situando seus lugares sagrados sobre lugares sagrados anteriores [...] Depois, a transferência da legitimação divina do antigo para o novo prossegue relativamente sem problemas (ELLER, 2018, p. 230).

A apropriação de elementos da cultura anterior para a nova talvez tenha sido a razão do estabelecimento do Centro de Reeducação Leah e Raquel no prédio onde antes era uma escola. Neste centro, as mulheres que eram férteis e que poderiam, portanto se tornar Aias, eram enviadas para serem reeducadas a partir das novas diretrizes. As Aias conheciam o centro como Centro Vermelho, em alusão à cor que estas deveriam portar em suas vestes.

Explicita-se neste panorama outra das características do regime de Gilead, sua base fundamentalista. Para explicar o conceito de fundamentalismo, Eller usa a citação de Marty e Appleby, que foram os diretores do Projeto do Fundamentalismo, a seguir:

O fundamentalismo não pretende nem uma imposição artificial de práticas e estilos de vida arcaicos nem um simples retorno a uma era dourada, a um passado sagrado, a um tempo das origens que se foi – embora a nostalgia de tal era seja uma marca registrada do fundamentalismo retórico. Ao invés, a identidade religiosa assim

renovada se torna a base exclusiva e absoluta para uma ordem política e social recriada, que se orienta para o futuro e não para o passado. Selecionando elementos da tradição e da modernidade, os fundamentalistas procuram refazer o mundo a serviço de um compromisso dual com o drama escatológico que vai se desenrolando (devolvendo todas as coisas submissamente ao divino) e com a autopreservação (neutralizando o “Outro” ameaçador) (MARTY & APPEBLY, 1993, p.3 *apud* ELLER, 2018, p. 439).

A educação das moças ficava a cargo de mulheres mais velhas, chamadas de Tias (possivelmente uma adaptação do termo “irmã”, usado para designar freiras). A partir das informações reveladas no vigésimo simpósio, aprende-se que seus nomes (Lydia, Elizabeth, Sara, Helena etc.) adivinham de nomes de produtos femininos da época pré-Gilead, de modo que passassem segurança às Aias.

Esta foi uma sugestão de um dos proeminentes Filhos de Jacó ainda no período da concepção ideológica de Gilead (ATWOOD, 2017, p. 321). De nome Frederick R. Waterford, era o candidato que acreditavam ser o Comandante de DoFred (ATWOOD, 2017, 319.)

Foi de outro candidato forte à identidade do Comandante, chamado B. Frederick Judd, que veio a ideia de usarem mulheres no Centro Vermelho para controlar as futuras Aias. As Tias mulheres estavam ali voluntariamente, por razões que ficam claras em uma passagem da palestra do professor Pieixoto:

Gilead era, embora inegavelmente patriarcal em sua forma, ocasionalmente matriarcal em conteúdo, como alguns setores do tecido social deram ascensão a isso. Como os arquitetos de Gilead sabiam, para se instaurar um sistema totalitarista efetivo ou de fato qualquer sistema que seja é preciso oferecer alguns benefícios e liberdades, ao menos para alguns poucos privilegiados, em troca por aqueles que são removidos. Nesse diapasão talvez sejam necessários alguns comentários sobre a agência de minucioso controle feminino conhecida como as “Tias”. Judd – Segundo o material de Limpkin – era do princípio de opinião que o melhor e o mais custo-efetivo meio de controlar as mulheres para fins reprodutivos e outros propósitos era através das próprias mulheres. Havia diversos precedentes históricos para isso; de fato, nenhum império que se impôs através da força ou por outro método existiu sem esse aspecto: controle dos nativos feito por membros de seu próprio grupo. No caso de Gilead, haviam muitas mulheres dispostas a servir como Tias, ou por terem uma crença genuína quanto ao que chamavam de “valores tradicionais”, ou pelos benefícios que poderiam adquirir desse modo. Quando o poder é escasso, um pouco de poder é tentador. Havia, também, um estímulo negativo: mulheres mais velhas sem filhos ou inférteis que não eram casadas poderiam aceitar o serviço com as Tias e assim escapar serem o excesso, e seu consequente envio para as famigeradas Colônias (ATWOOD, 2017, p. 320, tradução minha).<sup>29</sup>

<sup>29</sup> “Gilead was, although undoubtedly patriarchal in form, occasionally matriarcal in content, like some sectors of the social fabric that gave rise to it. As the architects of Gilead knew, to institute an effective totalitarian system or indeed any system at all you must offer some benefits and freedoms, at least to a privileged few, in return for those you remove. In this connection a few comments upon the crack female control agency known as the “Aunts” is perhaps in order. Judd – according to the Limpkin material – was of the opinion from the outset that the best and most cost-effective way to control women for reproductive and other purposes was through women themselves. For this there were many historical precedents; in fact, no empire imposed by force or otherwise has ever been without this feature: control of the indigenous by members of their own group. In the case of Gilead, there were many women willing to serve as Aunts, either because of a genuine belief in what they called “traditional values,” or for the benefits they might thereby acquire. When power is scarce, a little of it is tempting.

Este fenômeno é abordado por Eller ao adereçar a questão dos componentes da violência cultural. Eller indica cinco fatores que contribuem para a normalização da violência em um grupo social. O fator descrito na passagem acima é chamado de “interesses” e explica-se pela competitividade gerada pela vivência em grupo, o que gera escassez de recursos. Dentre estes recursos, ou interesses, está o poder. A distribuição desigual de recursos gera conflitos, que geram violência e esta violência pode ser instrumental, como visto no contexto de Gilead (ELLER, 2018, p. 363).

Após as decisões teóricas, os Filhos de Jacó passaram então aos procedimentos práticos. Judd foi indicado em registros como o mentor do evento chamado O Massacre do Dia do Presidente e também aquele que escreveu a lista de nomes de americanos proeminentes a serem eliminados, de maneira a causar o estado de caos que levaria à suspensão da Constituição vigente à época. Foi este *coup d'État* que possibilitou a infiltração dos Filhos de Jacó no governo e o consequente controle das forças armadas (ATWOOD, 2017, p.319).

No dia do Massacre o presidente à época foi alvejado e todos do congresso foram metralhados. Este ataque foi justificado como um ataque terrorista por parte dos islâmicos fanáticos (ATWOOD, 2017, p. 183). Possivelmente a credibilidade dessa informação também possa ser atrelada a outra das táticas propostas por Judd. Este propôs que os Filhos de Jacó usassem um panfleto obscuro da “C.I.A.” com o intuito de desestabilizar os governos estrangeiros (ATWOOD, 2017, p. 319).

A destituição do governo vigente se mostra necessária a níveis de poder, mas também está enraizada na esfera antropológica, dada a natureza fundamentalista do regime de Gilead. Eller qualifica essa relação entre fundamentalismos e Estados como difícil e explica:

Dependendo de sua teologia e de sua política, um movimento fundamentalista pode ser hostil a qualquer Estado (sendo Deus ou a religião a única fonte da autoridade e da lei) ou inflexivelmente pró-Estado (vendo o governo como o mecanismo para alcançar a retidão religiosa na terra). Em não poucos casos, grupos fundamentalistas tentaram, às vezes com sucesso (por exemplo, o Aiatolá Khomeini no Irã ou o Talibã no Afeganistão), assumir o governo e usar o poder político para implementar seus planos religiosos (ELLER, 2018, p. 440).

Considerando-se que o Estado detém o poder político, mas que este não é a única fonte de poder dentro de uma sociedade, não surpreendentemente o próximo passo dos Filhos de Jacó caracterizou-se pelo controle do capital. Os recursos que pertencem às mulheres são

There was, too, a negative inducement: childless or infertile or older women who were not married could take service in the Aunts and thereby escape redundancy, and consequent shipment to the infamous Colonies” (ATWOOD, 2017, p. 320)

apreendidos ou passados para algum parente masculino próximo e assim garante-se que estas não posarão resistência, além de trazê-las ao estado de dependência.

A extinção do dinheiro em espécie e o uso generalizado do chamado *Compubank* permitiu que esta manobra fosse executada de uma só vez. Concomitantemente as mulheres foram demitidas de seus empregos e seus cargos passaram a ser ocupados por homens, quando não foram extintos (ATWOOD, 2017, p. 184-188).

Com a legitimação advinda da tomada do poder, os Filhos de Jacó buscaram assegurar sua soberania religiosa com a caça e extinção das outras religiões no território de Gilead. Como relatado por Moira, uma personagem que era amiga de DoFred no tempo pré-Gilead, e que foi enviada ao Centro Vermelho junto com ela, mas tornou-se prostituta após ser recapturada em sua fuga do Centro:

Eles sabiam mais ou menos o que lhes aconteceria caso fossem pegos. Não em detalhes, mas eles sabiam. Àquela altura, eles começaram a transmitir um pouco na televisão, os julgamentos e o que vinha depois. “Foi antes dos ajuntamentos sectários a sério. Contanto que você dissesse ser algum tipo de Cristão e você fosse casado pela primeira vez, isto é, eles ainda estavam basicamente te deixando em paz. Eles estavam primeiramente se concentrando nos outros. Eles os tinham mais ou menos sob controle antes de começarem com todo o resto (ATWOOD, 2017, p. 259, tradução minha).<sup>30</sup>

Sendo a religião um “fenômeno social e um fenômeno de grupo” que “contribui muito para a identidade individual e coletiva” e ademais “busca a institucionalização e depende dela” (ELLER, 2018, p. 364), buscar a hegemonia era um propósito lógico dos Filhos de Gilead. Ao eliminar as religiões concorrentes haveria a garantia de que a nova sociedade seria moldada segundo os preceitos por eles aprovados, sem que houvesse disputa de discursos.

Devidamente captados ou engajados à força nesse novo sistema, os homens realocados a novas funções e as mulheres distribuídas entre Esposas, Martas, Aias ou Econoesposas, o processo de conversão passa ao estágio mental. Para assegurar que o novo regime não fosse derrubado ou mesmo contestado, medidas foram tomadas que visavam a obliteração do grupo oprimido que poderia se opor ao sistema: as mulheres.

Foi Judd o autor da frase “nosso maior erro foi ensiná-las a ler. Não o cometeremos novamente” (ATWOOD, 2017, p. 320) seguida à risca e a leitura passou a ser proibida para as mulheres. Essa imposição pode ser notada nas primeiras partes do livro, ainda que não dita explicitamente.

<sup>30</sup> “They knew more or less what would happen to them if they got caught. Not in detail, but they knew. By that time, they’d started putting some of it on the TV, the trials and so forth. “It was before the sectarian roundups began in earnest. As long as you said you were some sort of a Christian and you were married, for the first time that is, they were still leaving you pretty much alone. They were concentrating first on the others. They got them more or less under control before they started in on everybody else”. (ATWOOD, 2017, p. 259).

Na solidão de seu quarto, DoFred reflete sobre a almofada que há no peitoril de sua janela. Nela há bordada a palavra “FÉ” e DoFred deduz que a presença de algo que possa ser lido naquele quarto é fruto de alguma negligencia. Ela indaga então se haveria alguma punição caso a almofada fosse encontrada em sua possessão. “Posso passar minutos, dezenas de minutos, correndo meus olhos pela estampa: FÉ. É a única coisa que eles me deram para ler. Se eu fosse pega fazendo-o, contaria? Não fui eu quem colocou a almofada aqui.” (ATWOOD, 2017, p. 67, tradução minha)<sup>31</sup>

O iletramento como método de controle das massas não teria tanto efeito nas primeiras mulheres a serem captadas pelos Filhos de Jacó. Este método foi pensado para as futuras gerações, que cresceriam dentro do contexto religioso já bem estabelecido e sem meios para conhecer outros tipos de vivencia, estariam completamente sujeitas.

Marcia Tiburi, em seu livro *Feminismo em comum* discorre sobre este aspecto e afirma que “a própria ideia de compreensão é controlada pelo sistema patriarcal”. Ela aponta que este sistema de compreensão, que ela denomina “ordem do saber”, é composto de componentes misóginos, dado que o saber e tudo que este compreende foi historicamente constituído por homens (TIBURI, 2018, p.70). Ela prossegue em sua elucubração e atesta que:

O que chamamos de patriarcado também pode ser entendido como o próprio sistema do saber com suas regras, seu controle do conhecimento e da ideia de verdade. No patriarcado, saber e poder unem-se contra os seres heterodenominados como mulheres (TIBURI, 2018, p.71).

Neste diapasão, compreende-se que este controle com o advento da proibição do letramento das mulheres, se torna ainda maior. Conhece-se apenas aquilo que é dito e todos os discursos vem dos homens e assim alcança-se o controle total. Ainda que saibam ler, as mulheres da primeira geração de Gilead também tornam-se suscetíveis ao sistema e a este sucumbem. Após saber da execução de DoWarren, DoFred tem um momento de desespero ao retornar à casa do Comandante e roga a Deus:

Querido Deus, eu penso, eu farei qualquer coisa que você queira. Agora que você me poupou, eu me obliterarei, se é isso que você realmente quer; eu me esvaziarei, verdadeiramente, me tornarei um cálice. Eu abrirei mão do Nick, eu esquecerei os outros, eu pararei de reclamar. Eu aceitarei a minha parte. Eu me sacrificarei. Eu me arrependerei. Eu abdicarei. Eu renunciarei. Eu sei que isso não poder estar certo, mas eu penso mesmo assim. Tudo que eles me ensinaram no Centro Vermelho, tudo ao qual resisti, vem me inundando. Eu não quero dor. Eu não quero ser uma dançarina, meus pés no ar, minha cabeça um retângulo sem face de algodão branco. Eu não quero ser uma boneca pendurada no Muro, eu não quero ser um anjo sem asas. Eu quero continuar vivendo, de qualquer jeito. Eu renunciarei meu corpo livremente, para o uso

<sup>31</sup> “I can spend minutes, tens of minutes, running my eyes over the print: FAITH. It’s the only thing they’ve given me to read. If I were caught doing it, would it count? I didn’t put the cushion here myself”. (ATWOOD, 2017, p. 67)

de outros. Eles podem fazer o que quiserem comigo. Eu sou abjeta. Eu sinto, pela primeira vez, o verdadeiro Poder deles (ATWOOD, 2017, p. 298, tradução minha)<sup>32</sup>.

Mesmo não sendo o que elas, as Aias, chamam entre si de “verdadeira fiel”, Dofred não pode evitar que todos os ensinamentos transmitidos a ela durante seu período de aprendizagem no Centro Vermelho venham à mente. O poder da repetição forçada que vem com a imposição.

Diante de todo o exposto é perceptível o poder de controle social que a religião possui. Através de preceitos e ordenamentos, um regime pode ser imposto e garantir sua manutenção ao se usar de uma base religiosa para justificar sua validade. Este não é, entretanto, o único método de controle social usado na sociedade de Gilead e embora pareça também não é o mais forte. Acima deste, o poder coercitivo da ideia de maternidade prepondera em Gilead como o maior mecanismo de domínio das mulheres.

No próximo capítulo será abordado o conceito de maternidade em Gilead. Será analisado como a ideia de maternidade é usada para exercer o comando dos homens sobre as mulheres e como, através de imposições, restrições e garantia de status, a maternidade se torna o único objetivo das cidadãs de Gilead.

<sup>32</sup> “Dear God, I think, I will do anything you like. Now that you’ve let me off, I’ll obliterate myself, if that’s what you really want; I’ll empty myself, truly, become a chalice. I’ll give up Nick, I’ll forget about the others, I’ll stop complaining. I’ll accept my lot. I’ll sacrifice. I’ll repent. I’ll abdiccate. I’ll renounce. I know this can’t be right, but I think it anyway. Everything they taught at the Red Centre, everything I’ve resisted, comes flooding in. I don’t want pain. I don’t want to be a dancer, my feet in the air, my head a faceless oblong of white cloth. I don’t want to be a doll hung up on the Wall, I don’t want to be a wingless angel. I want to keep on living, in any form. I resign my body freely, to the uses of others. They can do what they like with me. I am abject. I feel, for the first time, their true Power” (ATWOOD, 2017, p. 298).

#### 4 A MATERNIDADE COMO FERRAMENTA DE MODULAÇÃO COMPORTAMENTAL FEMININA EM *THE HANDMAID'S TALE*: MATERNIDADE COMO DÁDIVA OU SENTENÇA?

Como estabelecido no capítulo anterior, o regime político e social de Gilead foi implantado tendo como base estruturante o quesito religioso. Essa empreitada foi bem sucedida e os preceitos religiosos passaram a ser seguidos por todos, fosse por uma crença real ou por imposição.

Essa imposição e o severo controle de toda a população garantiria que as futuras gerações, ao crescerem nesse contexto, não questionariam sua realidade, sendo esta a única que conheceriam. Através do isolamento da comunidade e do controle acadêmico-cultural, somado ao iletramento feminino, assegura-se a prevalência do regime.

Embora imposto a todos, o controle social diz respeito em especial às mulheres, sendo este a razão originária do sistema. Para alcançar esse objetivo, diversas medidas foram colocadas em prática. Dentre elas surge como pilar fundamental a abdução das mulheres férteis e seu encaminhamento para o chamado Centro de Reeducação Leah e Raquel (também conhecido por Centro Vermelho) (ATWOOD, 2017, p. 13-14). O objetivo desse centro seria a preparação das mulheres ali encarceradas para assumirem sua nova função social: a de Aias.

As outras mulheres foram separadas em categorias diversas, cada qual com sua especificidade. As Martas para limpeza e manutenção da casa, as Esposas para um local de prestígio ao lado de homens proeminente, as econoesposas para todas as funções de uma casa ao lado de homens menos importantes.

Fora do contexto mais interno da sociedade, havia aquelas que eram encaminhadas a campos de concentração para perecerem limpando lixo tóxico, as que foram enviadas aos campos de colheita, as que se tornaram prostitutas e algumas que escolherem se aliar ao grupo chamado de Tias (ATWOOD, 2017, p. 320-321).

As Tias eram mulheres geralmente mais velhas, inférteis e que não teriam muita serventia no novo panorama social. Para escapar do destino dos obsoletos, optam por servir ao novo regime como educadoras das Aias. Cabe a elas os ensinamentos, o primeiro contato com o controle e também a punição das Aias desobedientes. As punições eram torturas físicas que eram infligidas às Aias com o uso de agulhões elétricos (ATWOOD, 2017, p. 14), geralmente usados para manejar gado ou mesmo com cabos de aço (ATWOOD, 2017, p. 102).

A função de aia consistia basicamente de uma única tarefa: ser passada de Comandante para Comandante em um sistema de rodízio para ser fecundada. Ou como colocado pela protagonista, em ser “úteros em duas pernas, somente isso: recipientes sagrados. Cálices ambulantes” (ATWOOD, 2017, p. 146, tradução minha). Esse ofício foi desenvolvido a partir dos interesses dos Filhos de Jacó, tendo como justificativa o precedente bíblico de tal prática.

Como discutido nos capítulos anteriores, a noção da inserção de Aias na sociedade tem o intuito de promover o aumento da taxa de natalidade. O subterfúgio usado pelos Filhos de Jacó visava promover a supremacia masculina, reestabelecendo o papel da mulher como ser doméstico. Buscava-se através da exaltação da necessidade de mais nascimentos, forçar a mulher a adotar novamente o compromisso da maternidade.

Os homens são os únicos a obterem vantagens neste retornar da mulher ao âmbito doméstico. Marcia Tiburi exprime isto ao discorrer sobre a emancipação das mulheres e sua antítese, que seria o aprisionamento advindo da vida doméstica.

[...] o “lar” nunca é um lugar doce para as mulheres, mas um núcleo fundamentalmente capitalista que tem na família um sistema de exploração. Ao pertencer a uma classe social mais favorecida, o trabalho que seria destinado primeiramente às mulheres da família acaba sendo terceirizado para outra mulher [...]. De qualquer modo, o sistema continua favorecendo os homens que, na condição de exploradores, em todas as classes – com exceções que confirmam a regra –, lucram com a condição feminina escravizada no contexto dos trabalhos naturalizados e não remunerados (TIBURI, 2018, p. 64-65).

As mulheres no tempo pré-Gilead eram dotadas de liberdade e ocupavam, na sociedade, posição equitativa à do homem, no tocante à emancipação. No usufruto de sua autonomia, muitas haviam decidido por não serem mães ou mesmo postergar essa tarefa por muitos anos, além da média de idade das gestantes.

Com o advento dos métodos contraceptivos e a descriminalização do aborto, as mulheres passaram a ter maior controle de seus corpos. Sem correrem tantos riscos de uma gravidez indesejada, que as refreassem, o domínio sobre elas mesmas foi alcançado pelas mulheres. Seu livre-arbítrio alcançou um nível incômodo para os homens, que não se sentiam mais os agentes ativos da esfera da conquista. Estes mesmos homens que poderiam facilmente obter sexo em locais chamados *pornycorners* (algumas dessas tendo sido até motorizadas) estavam recusando-o por este ter sido tornado em demasia de fácil acesso (ATWOOD, 2017, p.221).

Para contornar esta situação, os Filhos de Jacó instauraram a nova política e criaram a República de Gilead. Na qual a vida das mulheres se restringia ao lar e a suas atribuições

diversas, como a cozinha e a decoração. Elegeram a gestação como finalidade social, tornando-a compulsória, e estruturaram as funções das mulheres de modo a engajar todas neste objetivo.

Ainda que a gravidez ocorresse somente às Aias, a função de criar as crianças caberia às Esposas. Estas contariam com o auxílio das Martas nesta ocupação de cuidar e educar a prole, tornando então a maternidade um encargo de todas as mulheres. Fraciona-se a mãe em três: a progenitora, a cuidadora e a ama. Com isto, encerra-se o feminino unicamente no campo da maternidade, que se torna então a prisão feminina, revestida de benção.

Será abordado neste capítulo o aspecto da maternidade como ferramenta social de controle feminino. Explorando os meios utilizados pelos homens para impor a maternidade, as formas de assegurar que esta aconteça e como estes conseguiram enredar as mulheres a acatarem e mesmo almejem a filiação.

#### 4.1 A MULHER MÃE E A NÃO-MULHER

O construto social que beatifica a figura materna não é uma singularidade de Gilead. Esse traço de santificação referente às mães pode ser observado em diversas culturas, tendo estas a religião como fundamento ou não. Entretanto, esse é um dos arrimos utilizados para engendrar o desejo de engravidar nas mulheres, cidadãs de baixa posição social em Gilead.

A maternidade torna-se um papel gratificante pois está agora impregnado de ideal. O modo como se fala dessa "nobre função", com um vocabulário tomado à religião (evoca-se freqüentemente (sic) a "vocaçãõ" ou o "sacrifício" materno) indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criará o hábito de pensar que toda boa mãe é uma "santa mulher". A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho (BADINTER, 1985, p. 223).

No caso das Aias, a concepção está diretamente ligada à sua sobrevivência. Cada Aia tem três tentativas e caso a última seja má sucedida a Aia será enviada para as colônias. A Aia, que consegue engravidar e dar à luz uma criança saudável recebe como recompensa a certeza de não ser enviada para as Colônias. Ela não será declarada uma não-mulher, e sua função não se encerra. Ela será transferida para outra casa onde tentará novamente (ATWOOD, 2017, p. 137).

A negação do ser mulher ao não acatar as novas leis, tornando-a uma não-mulher, demonstrando que o próprio conceito de existência da mulher foi alterado. Ser mulher é ser complacente, é obedecer e ser subserviente ao homem. Aquelas que se rebelam e contestam o sistema são punidas e destituídas até mesmo de seu conceito de ser, tornando-se um não-ser.

O termo não-mulher também é usado para definir as mulheres dos tempos pré-Gilead que tinham posturas e hábitos que, após a implantação do novo regime, são condenáveis. Estas são vistas como amorais e assim o são por não terem Deus em suas vidas, como explica Tia Lydia em uma passagem do livro:

Entretanto, às vezes o filme era o que Tia Lydia chamava de documentário das Não-mulheres. Imaginem, disse Tia Lydia, desperdiçando o tempo delas desse jeito, quando elas deveriam estar fazendo algo útil. Naquela época, as Não-mulheres estavam sempre desperdiçando tempo. Elas eram encorajadas a fazê-lo. O governo lhes dava dinheiro para que fizessem justamente isso. Lembrem-se vocês, algumas das ideias delas eram sonoras o bastante, ela continuou, com a autoridade presunçosa de alguém que está em posição para julgar na voz. Nós teríamos que perdoar algumas das ideias delas, mesmo hoje em dia. Apenas algumas, lembrem-se vocês, ela disse timidamente, levantando seu dedo indicador, agitando-o para nós. Mas elas eram destituídas de Deus, e isso pode fazer toda a diferença, vocês não concordam? (ATWOOD, 2017, p. 128-129, tradução minha).<sup>33</sup>

Delimita-se a segregação entre as mulheres dignas e as indignas. A linha divisória é Deus e as atitudes são a comprovação do caráter. A mulher que aceita Deus e acata seu papel na nova sociedade é louvada. A não-mulher é abominada e sofre o ostracismo social.

Estes preceitos não são exclusivos de Gilead, pois como mostra a psicanalista Marcia Neder em seu livro intitulado *Os filhos da mãe*:

Os historiadores mostraram que essa ideia de instinto materno tem a mesma realidade do Papai Noel; ao contrário do instinto a maternidade não é uma experiência idêntica nas diferentes épocas e lugares. Ainda que dispensem essa visão instintiva, persiste a ideia de que ser mulher é ser mãe (NEDER, 2016, p. 26)

Nesse sentido, o acolhimento de Deus das Aias é a aceitação de sua função de engravidar. A procriação é o intuito de Deus para os seres humanos e qualquer ato contra este propósito é abominável e punível com a morte. Esta é uma lei que até mesmo retrocede, pois os médicos que praticavam o aborto no período pré-Gilead passam a ser caçados durante o regime da República e após assassinados são pendurados no Muro, vestidos com jalecos para que seu crime seja conhecido (ATWOOD, 2017, p. 43).

<sup>33</sup> "Sometimes, though, the movie would be what Aunt Lydia called an Unwoman documentary. Imagine, said Aunt Lydia, wasting their time like that, when they should have been doing something useful. Back then, the Unwomen were always wasting time. They were encouraged to do it. The government gave them money to do that very thing. Mind you, some of their ideas were sound enough, she went on, with the smug authority in her voice of one who is in a position to judge. We would have to condone some of their ideas, even today. Only some, mind you, she said coyly, raising her index finger, wagging it at us. But they were Godless, and that can make all the difference, don't you agree?" (ATWOOD, 2017, p. 128-129)

#### 4.1.1 Os ensinamentos de uma Aia

Desde sua chegada ao Centro Vermelho, as Aias são ensinadas a entender e aceitar seu propósito de vida. É preciso que entendam que sua fertilidade é uma benção não só para ela, mas para toda a sociedade e ela deve, portanto, servir a este chamado. As Tias ensinam as Aias que a função a qual elas muito em breve servirão não é um calvário, mas um privilégio (ATWOOD, 2017, p. 18).

Desde sua abdução (que ocorre em razão da comprovação de sua fertilidade por já terem tido filhos) ao fim de suas vidas (seja por morte natural, execução ou definhamento nas Colônias), a vida das Aias se concentra em um único propósito: a fecundação. São proibidas de fumar, ingerir álcool, tem suas dietas controladas e fazem consultas mensais ao médico para verificar seu estado de saúde.

Toda a demanda doméstica que envolva a Aia (limpeza dos cômodos, lavar as roupas, cozinhar etc.) é executada pelas Martas. O que resta para as Aias, sua única ocupação, é manter-se um receptáculo fecundo. Em diversas passagens DoFred expressa o quão difícil é preencher as lacunas de tempo desocupado que sua condição de Aia envolve. Em uma destas passagens, DoFred se compara a um porco sendo engordado para o abate:

Eu espero, lavada, esfoliada, alimentada, como um porco premiado. Em algum momento nos anos oitenta inventaram bolas para porcos, para os porcos sendo engordados em currais. Bolas para porcos eram grandes bolas coloridas; os porcos as rolavam com seus focinhos. Os mercadores de porcos disseram que isso melhorou o tônus muscular dos porcos; os porcos eram curiosos, eles gostavam de ter algo para pensar a respeito [...] Eu queria ter uma bola para porcos. (ATWOOD, 2017, p. 79, tradução minha)<sup>34</sup>

Em ainda outra passagem da obra onde o tédio vivido por DoFred é relatado, esta decide praticar táticas de concepção que lhe foram ensinadas ainda no centro:

Eu me deito no tapete trançado. Você pode sempre praticar, disse Tia Lydia. Diversas sessões ao dia, inseridas em sua rotina diária. Braços ao lado do corpo, joelhos dobrados, levante a pélvis, coloque a coluna para baixo. Comprima. De novo. Respire contanto até cinco, segure, expire. Nós fazíamos isso onde costumava ser a sala de Ciências Domésticas, agora livre de máquinas de costura e máquinas de lavar-secar; em unissono, deitadas em pequenos tapetes japoneses, uma fita tocando, Les Sylphides. É o que ouço agora, em minha cabeça, enquanto eu levanto, inclino, respiro (ATWOOD, 2017, p. 80, tradução minha)<sup>35</sup>

<sup>34</sup> "I wait, washed, brushed, fed, like a prize pig. Sometime in the eighties they invented pig balls, for pigs who were being fattened in pens. Pig balls were large coloured balls; the pigs rolled them around with their snouts. The pig marketers said this improved their muscle tone; the pigs were curious, they liked to have something to think about [...] I wish I had a pig ball" (ATWOOD, 2017, p. 79).

<sup>35</sup> "I lie down on the braided rug. You can always practise, said Aunt Lydia. Several sessions a day, fitted into your daily routine. Arms at the sides, knees bent, lift the pelvis, roll the backbone down. Tuck. Again. Breathe in to the count of five, hold, expel. We'd do that in what used to be the Domestic Science room, cleared now of sewing machines and washer-dryers; in unison, lying on little Japanese mats, a tape playing, Les Sylphides. That's what I hear now, in my head, as I lift, tilt, breathe." (ATWOOD, 2017, p.80)

É possível inferir que a gravidez é imposta para as Aias como o único pensamento que elas deveriam ter. A proibição da leitura e mesmo o serviço prestado a elas pelas Martas garante que o foco das Aias estará exclusivamente na parte que lhes compete da maternidade.

Pode ser traçado aqui um paralelo às reflexões de Marcia Neder sobre as pressões sociais que compõem o conceito de "mãe". A maternidade aprisiona as mulheres que a adotam e a sociedade é quem assegura que as mães não deixam suas prisões através de repressões e julgamentos (NEDER, 2016, p.53-57).

Apesar das imposições terem naturezas diferentes, pois àquela a que se refere Marcia tem origem social e a de DoFred é uma imposição Estatal, do mesmo modo não pode DoFred se descuidar da sua saúde. Como este é um dos elementos que garantirá uma gestação e sua obrigação é reproduzir a saúde de DoFred é regulada por todos da casa.

O único outro afazer que lhes é incumbido é são as compras para abastecer a despensa da casa. A razão para que tenham essa pequena liberdade possivelmente é a mesma pela qual as Aias no Centro de treinamento saem para caminhar duas vezes ao dia, sempre com constante vigilância: precisam do exercício para que se mantenham saudáveis (ATWOOD, 2017, p. 14).

A vigilância das caminhadas no Centro era feita pelos Anjos que ficavam ao lado de fora das grades do campo. Nas caminhadas pela cidade a vigilância é feita por outra Aia. As caminhadas ocorrem em pares, nunca isoladamente, para que assim sejam mantidos os costumes.

Uma Aia serve de espiã à outra, como pondera DoFred ao refletir sobre sua parceira de caminhadas, DoGlenn. Uma Aia não ousaria tentar fugir porque seria imediatamente denunciada pela outra, pois uma é responsabilizada pelo crime da outra, caso ocorra (ATWOOD, 2017, p. 29).

O sistema conta com a instaurada sensação de desconfiança entre todos para que essa vigília generalizada funcione. Sem saber em quem se pode confiar, havendo tantos Olhos infiltrados propositalmente na sociedade, não há espaço para o conluio. Este grau de desconfiança se iniciou ainda nos primeiros períodos da tomada de poder.

Após sua demissão, DoFred permanecia na residência que dividia com seu esposo Luke. Ao rememorar a respeito em seu relato, a Aia relembra algo que expressa esse sentimento de vigilância: "Eu não conhecia muitos dos vizinhos, e quando nos encontrávamos, do lado de fora na rua, nós éramos cuidadosos o suficiente para não trocarmos nada além de cumprimentos



normais. Ninguém queria ser reportado por deslealdade” (ATWOOD, 2017, p. 189, tradução minha).<sup>36</sup>

A proximidade com outra Aia e a noção de que uma estava sujeita à denuncia da outra repelem uma possível amizade entre elas. Para além disso, estimula que estas se encarem como inimigas, à mercê de suas vontades. Somado à obrigatoriedade de gravidez, que está atrelada à vida das Aias, não é surpreendente que a competição seja instaurada.

A raridade de algo determina seu valor, postula Tia Lydia para suas pupilas (ATWOOD, 2017, p. 124). Em uma sociedade em que a gravidez é algo raro, ser gestante é símbolo de *status*. Assim sendo, algumas Aias buscavam soluções alternativas para conseguirem engravidar.

A factualidade da esterilidade masculina e sua negação já foram tópico nos capítulos anteriores. Diante desta problemática, infere-se que algumas Aias seriam pareadas com Comandantes estéreis e, portanto, não conseguiriam ser fecundadas. Com suas vidas atreladas a esta condição, o uso de médicos para fecundar Aias aparece como possibilidade.

Esta fecundação acontecia de maneira natural nos consultórios dos médicos quando as Aias compareciam às suas consultas mensais. Estas eram algumas das raras ocasiões em que uma Aia era deixada sozinha com um ser do sexo masculino. Ali, de maneira segredada atrás de portas fechadas, a doação poderia acontecer (ATWOOD, 2017, p.70).

As medidas às quais as Aias estavam dispostas a recorrer revelam a relevância da maternidade em Gilead. Para além da guilhotina suspensa sob a cabeça das Aias caso estas não conseguissem ser fecundadas, o fator da pressão social e da rendição gradual à religião são elementos que também precisam ser considerados.

Estes são os fatores que mais pesavam sobre as outras mulheres da sociedade, especialmente das Esposas. Tia Lydia as chama de “mulheres derrotadas” por não terem sido capazes de gerar filhos (ATWOOD, 2017, p. 56). Para reverterem essa categorização, as Esposas, possivelmente mais do que as Aias, buscavam que uma gravidez ocorresse em suas casas.

<sup>36</sup> “I didn’t know many of the neighbours, and when we met, outside on the street, we were careful to exchange nothing more than the ordinary greetings. Nobody wanted to be reported, for disloyalty” (ATWOOD, 2017, p. 189).

#### 4.1.2 A abnegação da Esposa

Na mesma passagem, Aias são alertadas por Tia Lydia a tomarem cuidado com as Esposas, pois estas sentem inveja da sua fertilidade. Definindo esse ressentimento das Esposas como natural (56). Esta colocação, quando pautada no instinto de competição dos humanos que vivem em sociedade, se torna ainda mais fatídica.

Já abordamos no capítulo anterior quais seriam as possíveis causas para que um ser humano se voltasse contra outro de uma mesma comunidade e praticasse violência. Trata-se novamente de uma questão de recursos escassos e mal distribuídos. Eller propõe que não apenas riquezas e poder, mas também elementos como amor-próprio, prestígio e reconhecimento são considerados *interesses* dentro de uma sociedade (ELLER, 2018, p. 363).

As Esposas são obrigadas pelo Estado a dividirem suas casas e seus maridos com as Aias. Não obstante, também devem estar presentes no ato da consumação sexual entre eles (ATWOOD, 2017, p. 104). Ainda que não haja qualquer envolvimento sentimental entre Aia e Comandante, a Esposa vive em um triângulo de poder com os outros dois.

O domínio da Esposa dentro do domicílio diz respeito somente às questões práticas da vida doméstica, como a jurisdição sobre transgressões (ATWOOD, 2017, p. 170). É o marido dessas Esposas que tem acesso e voz no mundo exterior. Fazendo uso de seu limitado poder, as Esposas decretaram que as Aias seriam privadas de loções hidratantes (ATWOOD, 2017, p. 107) e que os casamentos só fossem dissolvíveis em razão da morte de um dos pares (ATWOOD, 2017, p. 26). O reinado da Esposa tem como súditos somente as outras mulheres da casa e mesmo este seu poder não é absoluto.

É preciso acentuar o poder do masculino no plano geral da sociedade. Esta relação entre o poder do homem e da mulher na esfera social se refletirá na relação entre o poder paterno e o materno. O homem político, na esfera exterior de sua casa faz parte das engrenagens sociais e tem o prestígio para alterar seu modelo, mantém este poder dentro de casa. Ainda que não tenha participação efetiva na criação das crianças, a palavra definitiva é a do pai, que possui sua posição na sociedade para dar reforço a esse direito de comando.

Marcia Neder trata desta balança de poder em desequilíbrio dentro do ambiente doméstico e expõe:

A identificação do pai com o poder exige uma separação entre *pater* e *mater*, entre pai e mãe, entre homem e mulher, porque o lugar do poder é marcado, tem esse selo do masculino: o masculino é o poder e o poder é viril. A feminilidade é identificada com a fecundidade, a mulher que dá a luz o filho que levará o nome do pai e da família dele.

Por isso, nessa organização familiar, há uma hierarquia rígida entre os membros da família, na qual o pai está no topo e a mulher, os filhos, os criados estão abaixo. O poder do pai (*paterfamilias*) é absoluto (NEDER, 2016, p. 58-59)

Assim, as Esposas são soberanas em seus lares, porém permanecem abaixo dos maridos. São falhas também, pois não podem alcançar seu maior propósito, que é ter uma prole biológica, faltando-lhes o traço da feminilidade que é a fecundidade. Simone de Beauvoir aborda esse vínculo entre o homem e o poder, e a ausência de poder real da mulher e atrela este ao capital. “Pelo fato de não administrar seu capital, ainda que conserve direitos sobre o mesmo, não tem responsabilidade dele; esse capital não oferece nenhum conteúdo à sua ação: ela não tem nenhuma influência concreta sobre o mundo” (BEAUVOIR, 2016a, p. 143). Compreende-se então que a ausência de poderio social preserva o baixo status da mulher.

Na citação de Beauvoir este poderio tem forma no capital, mas em Gilead o prestígio político é o que valida o cidadão. As mulheres de Gilead são postas em situação análoga àquelas das mulheres na Idade média, que não detêm direitos por não terem capacidade política (BEAUVOIR, 2016a, p. 137).

Para que tenham crianças, as Esposas precisam das ferramentas de concepção que são as Aias. Esse fato se torna um constante lembrete de sua própria falha biológica. “Ela não fala comigo, a não ser que ela não possa evitar. Eu sou uma reprovação para ela; e uma necessidade” (ATWOOD, 2017, p. 23, tradução minha).<sup>37</sup>

Em razão disso, todos os esforços da casa são voltados à manutenção e bem-estar das Aias. Às Esposas resta tricotar, cuidar dos jardins e aguardar uma possível gravidez (ATWOOD, 2017, p. 22). De certo modo, elas vivem seu próprio tédio, fruto do papel diminuto da mulher na sociedade.

Em uma possível tentativa de compensação, é permitido às Esposas que agridas fisicamente as Aias, desde que não usem nada além das mãos. O assassinato de uma Aia, entretanto é um dos mais altos crimes em Gilead, especialmente se esta Aia estiver grávida. A punição é a execução em um evento chamado *Salvaging*, onde as mulheres que descumprem as leis são enforcadas. *Salvaging*s são um dos três únicos eventos que acontecem em Gilead, em que a presença das mulheres é permitida. Os outros dois são chamados *Prayvaganzas* (onde ocorrem celebrações religiosas e casamentos) e o Dia de Nascimento. Este último é um evento montado para o nascimento público das crianças. Todas as Aias e Esposas se reúnem para presenciar o parto da Aia que estiver parindo no momento. A Esposa do Comandante que

<sup>37</sup> “ ‘She doesn’t speak to me, unless she can’t avoid it. I am a reproach to her; and a necessity’. (ATWOOD, 2017, p. 23).

fecundou aquela Aia é tratada como se também estivesse em trabalho de parto. É ela quem segura primeiro a criança (após a inspeção da saúde do bebê) e também quem a nomeia (ATWOOD, 2017, p.133-137). Uma gera a outra cria. O Dia do nascimento representa de modo explícito a divisão do conceito de maternidade que o regime de Gilead estabeleceu. Mãe não é aquela que gesta, mas aquela que cria, e esta só pode fazê-lo por ter sido considerada pelo Estado capacitada para tal.

As crianças do tempo pré-Gilead foram abduzidas e realocadas, tiradas de suas mães que foram julgadas moralmente indignas. Foram então entregues a casais sem filhos da alta sociedade que ansiavam pela filiação e que proveriam à criança uma edificação moral benemérita (ATWOOD, 2017, p. 316). Mas dada a necessidade do rodízio de Aias, deduz-se que não havia crianças o suficiente para todas as Esposas de todos os Comandantes.

Ademais, o dia do nascimento também aguçava o interesse das Esposas para que suas Aias concebessem. Em uma sociedade com poucas celebrações, ser o centro das atenções positivas é um símbolo de *status*. Não somente social, mas também político, visto que os Comandantes que engravidavam suas Aias recebiam promoções que favoreciam diretamente a posição social de suas Esposas (ATWOOD, 2017, p. 126).

Para obter essa meta, e sabendo-se da esterilidade dos homens, muitas Esposas tinham ciência dos métodos alternativos que suas Aias adotavam (usar outros homens, como por exemplo, médicos) para engravidar. No caso de Dofred, foi a própria Serena Joy quem sugeriu que encontros sexuais com o motorista da casa, Nick, passassem a acontecer, provavelmente por interesse na criança que seria resultado desse enlace e também na partida de DoFred após o cumprimento do seu dever (ATWOOD, 2017, p. 214-216).

DoFred e Serena Joy não eram as únicas a saber sobre este arranjo. Do mesmo modo que a divisão do papel da mãe em Gilead não se deu em duas partes, mas em três, havia uma terceira parcela ciente dos encontros furtivos entre a Aia e o motorista. A terceira alíquota da ciência sobre o acordo de fertilização de DoFred por Nick, eram as Martas (ATWOOD, 2017, p. 283).

O silêncio das Martas quanto ao tópico decorre em razão destas também ansiarem pela gravidez da Aia. As Martas poderiam ser consideradas as amas de Gilead e as sinhás seriam representadas pela figura da Esposa. Após a partida da Aia, que gerou a criança, caberia às outras duas entidades, Esposa e Martas, a criação e a tutela do infante.



#### 4.1.3 A terceira aresta do triângulo materno

Marcia Neder trata em seu livro sobre um dos tópicos de maior relevância, no tocante à maternidade: a divisão do trabalho de criar uma criança. Em sua obra, Marcia compara os modelos de criação francês e o americano/brasileiro. No primeiro, o delegar da carga de trabalho é um ato consciente e sem remorso por parte das mães francesas. Nos segundos, a ideia de não ser capaz de criar sozinho seu próprio filho assombra as mulheres do mundo ocidental (NEDER, 2016, p. 70 – 71).

Seja pelo relegar da função a governantas especializadas ou às amas escravas como acontecia na esfera social dos brancos, ricos no Brasil do século XIX, a divisão de tarefas que compõem a função de mãe não é um conceito novo. As figuras das babás do século XXI podem ser atreladas ao encargo que recairá sobre as Martas dos lares que sejam afortunados em seus empenhos.

A classe das Martas é representada no domicílio do Comandante Fred por Cora e Rita. São elas as mulheres que tem por obrigação primordial a manutenção do asseio e da organização do lar. A cozinha é também seu domínio e para além deste há a função implícita de garantirem a segurança e o bem estar doméstico da Aia. Esta função não é propriamente descrita, mas nota-se sua execução em algumas atividades a exemplo do preparo da dieta das Aias, assim como o preparo do seu banho. As Martas também se asseguram de que a Aia não se autoinflja algum dano. De certo modo, elas já exercem grande parte do que é geralmente compreendido como atribuições da maternidade.

Sobre este delegar de funções, Badinter denomina as mães como trapaceiras, que mantém a imagem de mãe presente perante a sociedade, mas em realidade a situação no lar é a que ela descreve a seguir:

[...] a criança passa a maior parte do tempo com a ama-de-leite (mais tarde, com a ama-seca), que a alimenta, lava, cuida, faz passear, etc. São aliás numerosas as crianças mais apegadas à ama do que à mãe, personagem distante, que só vêem (sic) nas horas por ela escolhidas. De certo modo, essas mães foram trapaceiras que traíram seus filhos e adaptaram à sua conveniência as regras na nova moral. Já que era preciso ser boa mãe, elas o seriam, delegando a uma outra, graças aos seus recursos financeiros, os ônus dessa função. (BADINTER, 1985, p. 230)

É este o modelo que se seguirá em Gilead, com as Martas ocupando a função de amassecas e assim se tornando também, de certo modo, mães dos filhos das Esposas, que foram gerados pelas Aias. Forma-se a tríplice maternidade.

As Martas seriam, possivelmente, das três partes constituintes da maternidade em Gilead, a que tem menos privilégios. Não dispõem das caminhadas destinadas às Aias e não participam do Dia do nascimento ou tomam parte das *Salvagings*. Elas têm, porém, a maior

quantidade de afazeres no âmbito doméstico, o que lhes garante menos horas de tédio que as outras duas classes.

A divisão escassa de regalias fomenta a desconfiança entre as mulheres da casa. Através dessa instabilidade das relações, se estabelece a competitividade feminina e a consequente garantia que não haverá um levante por parte das fêmeas. A maternidade é outro, se não o mais contundente, dos fatores usados para estimular a rixa entre mulheres de diferentes classes. Dá-se às mulheres um objetivo em comum, que não as une. Em razão das discrepâncias entre a posição social de cada uma das mulheres, não há como uma relação mais profunda ser formada. O fator que arremata a instabilidade entre Aias, Martas e Esposas é a inveja. Dofred fala sobre isso em passagens espaçadas do livro.

A Esposa é invejada pela Aia por seus hobbies, como o tricô (ATWOOD, 2017, p.23), que por sua vez é invejada pela Marta, que gostaria de poder fazer caminhadas também e escolher ela mesma os alimentos que seriam comprados. Como divaga Dofred “nesta casa nós todas invejamos algo umas das outras” (ATWOOD, 2017, p. 57, tradução minha)<sup>38</sup>. Se uma sempre terá algo que a outra deseja, dificilmente haverá uma identificação entre elas.

O engajamento das Martas na noção de gravidez surge também em razão da sua presença na primeira fase da cerimônia de concepção. São chamadas à sala, junto com a Aia e a Esposa, para ouvirem a leitura das escrituras sagradas (ATWOOD, 2017, p.91). Esta participação promove a noção de que os frutos daquele ritual pertencerão de algum modo, também às Martas.

Um dos motivos para que as Martas queiram que ocorra a concepção em suas casas, além de terem criança para cuidar e mimar, é também de cunho social. No Dia do nascimento, todas as Aias e Esposas se deslocam para a casa da Esposa/Aia gestante e neste encontro é promovida uma espécie de festa. Repleta de muita comida e troca de informações, o Dia do nascimento é um dos grandes acontecimentos da sociedade de Gilead (ATWOOD, 2017, p. 145).

Nesse panorama, o que se percebe quanto ao domicílio é uma fina trama que une os integrantes da casa. Não há entre as pessoas que ali convivem qualquer tipo de lealdade e esta não é estimulada de modo a fortalecer o poder unitário do Estado. Cada um dentro do contexto familiar serve de vigia dos outros e a retidão é abandonada somente quando duas ou mais partes concordam, ainda que não expressamente, como a exemplo os pareamentos: Serena, Dofred e Nick; o Comandante, Dofred e Nick; as Martas, Nick e Dofred.

<sup>38</sup> “in this house we all envy each other something” (ATWOOD, 2017, p. 57).

Para além da manutenção da insegurança das mulheres da casa, que não podem confiar umas nas outras, há ainda mais um propósito que pode ser observado na divisão da maternidade entre Esposas, Martas e Aias. Uni-las com um propósito, mas separá-las por suas classes fortalece o poder do masculino na residência, que ainda mantém em si todas as suas atribuições.

#### 4.2 A PARTILHA DAS OCUPAÇÕES: BENEFÍCIO OU ENFRAQUECIMENTO DO PAPEL FEMININO?

Ao contrapor as mulheres que eram chamadas de preciosas no início do século XVIII, com a recatada mulher esposa e mãe, Elisabeth Badinter, em sua obra *Um amor conquistado: o mito do amor materno* ironiza a submissão em que vive a segunda. Na busca por sua emancipação, as preciosas tornam-se soberanas de si, o que Badinter coloca como o oposto "[...] das damas que não sabiam ser outra coisa senão mulher de seu marido, mãe de seus filhos e senhora de sua família." (MADEMOISELLE DE SCUDÉRY *apud* BADINTER, 1985, p. 107).

O exposto acima se relaciona com a estrutura familiar no contexto da sociedade de Gilead, pois tem por objetivo estabelecer a mulher como submissa ao homem e mantê-la nessa posição. Como posto por Badinter, a mãe, esposa e dona de casa é uma figura menor diante do senhor da casa que é a figura do pai. Ao fraturar esta figura em três, dilui-se o seu poder tornando-o ainda mais enfraquecido, enquanto o poder masculino permanece intacto.

Ao menos no circuito doméstico o homem mantém a mesma posição que os progenitores mantiveram pela maior parte da história. Entretanto, não pode ser excluído desse panorama o ganho de poder na esfera pública que o ser masculino arrematou. Escorraçou-se a mulher para o lar, minou-se seu poder de gerência e em consequência fortalecem-se o homem.

Ao falar em poder igualitário entre homem e mulher no desenvolvimento das relações por escolha, Badinter discorre sobre uma esfera privada que a vida doméstica concede ao casal, anulando a intrusão do resto da sociedade e ao citar E. Shorter no seguinte fragmento:

E. Shorter retratou muito bem a nova família ao falar de uma "unidade sentimental" ou de um "ninho afetivo" que engloba marido, esposa e filhos. É o nascimento da moderna família nuclear que constrói pouco a pouco o muro de sua vida privada para se proteger contra toda intrusão possível da grande sociedade: "O Amor isola o casal da coletividade e do controle que esta exercia outrora. O amor materno está na origem da criação do ninho afetivo em cujo interior a família vem se refugiar." (BADINTER, 1985, p. 179)

Apreende-se então que ao devolver o controle do matrimônio para o Estado e engajar toda a sociedade no desígnio da maternidade, extirpa-se do casal o poder da relação. Se este

*poder* agora reside na grande sociedade, e esta é patriarcal, meramente se devolve o controle da mulher ao homem de modo justificado em lei. O esvaziamento da mulher através da divisão de tarefas tem uma natureza sutil, mas que pode ser identificada primeiramente pela noção de que ao se dividir o que quer que seja, mas especialmente o poder, se tem menos do que foi dividido. Em segundo plano, pode-se identificar este esvaziamento pelo que Badinter:

A procriação não teria sentido se a mãe não completasse sua obra assegurando, até o fim, a sobrevivência do feto e a transformação do embrião num indivíduo acabado. Essa convicção é corroborada pelo uso ambíguo do conceito de maternidade que remete ao mesmo tempo a um estado fisiológico momentâneo, a gravidez, e a uma ação a longo prazo: a maternagem e a educação. A função materna, levada ao seu limite extremo, só terminaria quando a mãe tivesse, finalmente, dado à luz um adulto (BADINTER, 1985, p. 20).

Infere-se, pelo exposto, que a maternidade fragmentada é uma realidade. Por esta razão, a gravidez acarreta expectativas quanto à maternagem e à educação do fruto dessa gestação. Extirpar da mulher alguma ou duas dessas etapas é tornar-lhe incompleta e consequentemente insatisfeita. O acesso limitado a mesmo qualquer uma dessas etapas, que de certo modo promovem o status, força a submissão das mulheres ao sistema, numa tentativa de ter ao menos uma delas.

Como podem então coexistir em uma mesma sociedade o culto à maternidade, mas a dominação das mulheres através desta mesma maternidade? A mãe é santa louvada ou pecadora não merecedora de livre-arbítrio? Ainda que pareça paradoxal, as circunstâncias que envolvem a maternidade em Gilead permitem a concomitância desses dois fenômenos por partilharem a mesma origem (os homens) e serem motivo e meio para se alcançar um fim: o controle absoluto das mulheres.

#### 4.3 O PARADOXO DA ADORAÇÃO DA MATERNIDADE EM UMA SOCIEDADE QUE REPRIME AS MULHERES

Badinter inicia a parte de sua obra denominada *O amor forçado* ao analisar a construção da figura materna e seu atrelamento direto aos símbolos de feminilidade. Buscaram diversos filósofos definir a natureza da mulher, determinando como parte intrínseca desta natureza as características que a sociedade entende que forma uma boa mãe. Com isso, a imagem da mulher é diretamente associada à maternidade e aquelas que não podem ou mesmo recusam a maternidade são lidas socialmente como defeituosas.

Foi este o modelo que os Filhos de Jacó visaram resgatar. Um modelo que se adaptasse ao sistema que oprime as mulheres. À guisa de justificativa, o grupo extremista elege a

maternidade em seu conceito arcaico como ferramenta de controle dos corpos femininos, impondo a elas a maternidade, revestida por um manto de sacralidade.

Anteriormente foram discutidos os conflitos teóricos de uma sociedade patriarcal que aparenta apresentar a mulher como ser abençoado. Uma sociedade que beatifica seus membros do sexo feminino, mas que usa desta beatificação como amarras para subjugar-las. Badinter brilhantemente expõe esta contradição ao colocar que “Ao mesmo tempo em que se exaltavam a grandeza e a nobreza dessas tarefas, condenavam-se todas as que não sabiam ou não podiam realizá-las à perfeição” (BADINTER, 1985, p. 238).

A colocação de Badinter pode ser destrinchada em: estipulam-se padrões irreais de maternidade e de mulher (que na sociedade de Gilead são indivisíveis) e impõe-se às cidadãs que tentem adaptar-se a eles. Quando invariavelmente, devido a um fator ou outro, essas mulheres falham a mesma sociedade que as consagra as condena.

Os riscos de negar esta natureza superam a reprovação social e as sanções legais, pois adentram o espectro da própria psique feminina. A noção de mulher-mãe é tão convencional, até pelas próprias mulheres que o alerta de Rousseau, citado por Badinter, retoma a validade que foi perdida com a emancipação feminina:

A advertência de Rousseau é, portanto, clara: o único destino feminino possível é reinar sobre o "dentro", o "interior". A mulher deve abandonar o mundo e o "fora" ao homem, sob pena de ser anormal e infeliz. Deve saber sofrer em silêncio e dedicar a vida aos seus, pois tal é a função que a natureza lhe atribuiu, sua única possibilidade de ser feliz. (BADINTER, 1985, p. 246)

Dentre as figuras femininas presentes nos escritos religiosos, uma se consagra como a imagem perfeita de Mãe. A mais pura entre as mulheres, foi selecionada por Deus para gestar e dar a luz a seu filho, Jesus Cristo. Essa missão foi aceita pela virgem Maria e esta se tornou um dos maiores símbolos de virtude e maternidade no mundo moderno cristão. Seria lógica a escolha de Maria como molde das novas mulheres que o regime de Gilead buscava formar.

A escolha, entretanto, foi a de outras duas figuras maternas do livro de Gênesis (BÍBLIA, 1998), as irmãs Leah e Raquel. Ambas se tornam mães não pelo parto, mas pela oferta de suas criadas Bila e Zilpa a Jacó, o marido que partilhavam. Os Filhos de Jacó optaram por eleger, dentre uma vasta seleção de exemplos femininos, duas irmãs que concordaram em permitir que um homem já praticante da poligamia, praticasse sexo com outras duas mulheres.

As Aias aprendem ainda no Centro Vermelho as palavras sagradas que consagram a República de Gilead. A súplica de Leah ao marido para que lhe dê filhos é lida pelo Comandante toda noite antes da Cerimônia. “Dê-me filhos, senão eu morro. Estou eu a serviço de Deus, quem privou a ti do fruto do ventre? Eis minha criada Bila. Ela deverá carregar sob meus

joelhos, para que eu possa ter filhos através dela” (ATWOOD, 2017, p. 99, tradução minha)<sup>39</sup>. Essa passagem denota a necessidade de filhos como sendo exclusivamente da mulher.

Esta escolha também se pauta e ao mesmo tempo fomenta a noção de passividade das mulheres. Prega-se que é da natureza feminina a inclinação à subserviência e à submissão e que estes traços são bênção que as preparam para serem boas mães e esposas. Badinter elucida esta questão e pontua que não há, em verdade, muitos fatores comportamentais natos que distinguem homens e mulheres:

Do ponto de vista psicológico, já não se sabe muito bem hoje o que distingue o menino da menina. O Congresso Internacional de Psicologia da Criança realizado em Paris sobre esse tema, em julho de 1979 teve dificuldade em circunscrever as diferenças. Segundo suas conclusões, nada prova que a passividade esteja reservada às meninas, como tampouco a receptividade à sugestão ou à tendência a se subestimar. Nada prova, ainda, que o gosto da competição seja mais comum entre os meninos, nem o medo, a timidez e a ansiedade entre as meninas. Que os meninos tenham tendências dominadoras, e as meninas, uma maior capacidade de submissão. Nem mesmo que os comportamentos ditos "maternos" ou "nutricios" sejam mais especificamente femininos do que masculinos (BADINTER, 1985, p.368).

Não há, portanto, justificativa psíquica que se aplique à demanda de Leah e Raquel a Jacó para que lhes dê filhos, não importando a forma. A explicação para esta postulação é de cunho social, a expectativa que a sociedade tem de que as mulheres sejam mães. Essa mesma expectativa é causa e ao mesmo tempo consequência dessa imposição velada ao feminino de que comprove sua validade através da maternidade.

A situação de Leah e Raquel é diametralmente oposta àquela de Maria. As primeiras são inférteis e desejosas de ter filhos. São elas que rogam ao marido por uma prole. Maria é uma mulher virgem (logo de fertilidade não comprovada nem negada) a quem a maternidade é proposta pelo mais poderoso dos seres divinos. No caso das irmãs, é o homem quem presta um favor às mulheres para que consigam suprir seus desejos. Na história da Virgem Maria, ela presta um serviço a Deus para que Ele concretize seus planos.

O mito de Maria não serviria para Gilead porque colocaria a mulher em posição de evidência, porém de forma negativa para os Filhos de Jacó. A maternidade em Maria verdadeiramente santifica e eleva a mulher a um patamar inalcançável para os homens. Mesmo a fecundação de Maria ocorreu sem a intervenção de homem mortal algum, colocando-a fora de seu alcance. A história de Leah e Raquel, em contrapartida, serve aos propósitos dos novos governantes, por evidenciar a virilidade masculina ao mesmo tempo em que ressalta a impotência feminina.

<sup>39</sup> “Give me children, or else I die. Am I in God’s stead, who hath withheld from thee the fruit of the womb? Behold my maid Bilhah. She shall bear upon my knees, that I may also have children by her” (ATWOOD, 2017, p. 99).

A impotência feminina se apresenta de duas formas nesta passagem bíblica, e confirma a indignidade do ser feminino. Primeiro, como o resultado da inferência lógica: se ser mulher equivale a ser fecunda, a mulher infértil não é mulher o bastante. É o caso de Leah e sua irmã Raquel. A solução apresentada por elas também não é dotada totalmente de dignidade. As moças que são ofertadas como as primeiras Aias são férteis, porém são escravas, cidadãs de categoria baixa e, portanto, irrefutavelmente destituídas de dignidade.

O que afasta os Filhos de Jacó de elegerem Maria como o pilar de sua nova religião é o poder de escolha que foi dado a ela. Deus não impôs a Maria que concebesse seu filho, a ela lhe foi ofertada tal proposta e só após sua permissão, ela fora fecundada. Possibilitar a escolha às mulheres seria contraproducente aos ideais dos Filhos de Jacó, que buscavam sua sujeição. A noção de instinto materno que existe nas súplicas de Leah e Raquel serve aos Filhos de Jacó como os “grilhões” dos quais as mulheres não poderiam se soltar.

Era preciso lembrar também a definição, ainda mais carregada de pressupostos ideológicos, do Larousse do século XX (edição de 1971), que descreve o instinto materno como “uma tendência primordial que cria em toda mulher normal um desejo de maternidade e que, uma vez satisfeito esse desejo, incita a mulher a zelar pela proteção física e moral dos filhos” (BADINTER, 1985, p. 11).

O reforço do instinto materno instauraria nas mulheres as amarras psíquicas que as impulsionariam a ceder ao novo regime como forma de obterem a maternidade que acreditam querer.

Escravizadas pelo próprio desejo, a mulher tem sua liberdade cerceada por completo, pois como posto por Badinter a mulher comum vive uma “tríplice servidão: a maternidade, que sujeita a mulher ao filho, o casamento, que a sujeita ao marido, e a mundaneidade, que a sujeita a um código” (BADINTER, 1985, p. 118). Sugere-se a alforria intelectual como método de alcançar a autonomia real, que seria a verdadeira liberdade, porém ela também é cerceada com o iletramento feminino.

#### 4.3.1 O falso querer, a complacência fabricada e o estupro legalizado

Existem dois fatores na trama do romance *O Conto da Aia* que direcionam a compreensão acerca da constituição da República de Gilead como um engenhoso plano de enaltecimento do masculino. Estes dois fatores estão indivisivelmente atrelados à maternidade e validam a análise que a qualifica como ferramenta de controle feminino.

O primeiro fator é parte inerente da cerimônia de concepção. Como exposto anteriormente, consiste do estupro assistido da Aia por parte do Comandante. Amparada pela Esposa, que a mantém entre suas pernas, segurando seus braços, a Aia é violada pelo

Comandante a quem foi designada. Alguns argumentariam que a prática ocorre com o consentimento da Aia, que opta por este cargo em detrimento de se rebelar e ser mandada para as Colônias (ATWOOD, 2017, p.105).

A noção de consentimento está diretamente ligada à noção de autonomia. Para que haja consentimento legal é preciso que haja autonomia por parte daquele que consente. As Aias eram prisioneiras da sociedade em que estavam inseridas. Viviam em constante ameaça de punição ou mesmo execução em caso de não complacência. A possibilidade de autonomia não condiz com a realidade controlada e limitada das Aias.

A existência de um tipo de estupro que não somente é legalizado pelo Estado, como incentivado e tido como sacro evidencia o foco social no masculino e concomitantemente traz à luz a subjugação das Aias reforçada pela violência sexual. Evidencia-se a qualidade desta sociedade como uma que se pauta na fecundação, mas que visa manter a integridade somente do integrante masculino da relação.

A escolha da implantação do estupro assistido em lugar de medidas que promovessem positivamente a gravidez, levando em consideração a concordância das mulheres, denota o viés violento dos Filhos de Jacó. No caso de uma sociedade que verdadeiramente glorificasse as mulheres, não haveria tantos símbolos de crueldade direcionados a elas.

Guacira Louro Lopes trata brevemente dessa violência inerente à imposição que ocorre quando há a conceitualização de um sexo por parte de outro:

Esse processo de distinção terá alguma força normativa e, de fato, alguma violência, pois ele pode construir apenas através do apagamento; ele pode limitar uma coisa apenas através da imposição de um certo critério, de um princípio de seletividade (LOURO, 2000, p. 120).

O resultado obtido com a construção social das mulheres por parte dos Filhos de Jacó pode ser entendido dessa forma: um apagamento. Apaga-se tudo que era a mulher nos tempos pré-Gileads e selecionam-se somente aqueles aspectos que condoam a soberania masculina. O apagamento da sexualidade feminina somado ao estupro como advento da gestação é mais uma das formas de sobrepujar a mulher.

A escolha da violência tem caráter de seletividade, pois existiam outras soluções viáveis e possivelmente mais eficazes que foram descartadas. A inseminação artificial de mulheres férteis voluntárias que doariam seus bebês a famílias desejosas seria uma das outras opções. Outra medida seria o incentivo financeiro para fomentar a vontade dos casais em ter filhos. A România é citada como um país que promovia aumentos de salários e promoções ligados à fertilidade (ATWOOD, 2017, p.317). A recusa da implantação dessas outras medidas menos

agressivas às mulheres em Gilead sugere que o recorte de gênero foi um critério decisivo na escolha. Do mesmo modo, a recusa em reconhecer a esterilidade masculina fortalece esse argumento, visto que com este reconhecimento medidas mais produtivas seriam cogitadas.

Se houvesse testes de fertilidades aplicados a homens e mulheres, poderia ser formado um centro de fecundação *in vitro*, onde todos estariam presentes voluntariamente. Tal medida, entretanto, excluiria muitos dos homens proeminentes e lhes furtaria prestígio social. Sendo o verdadeiro intuito da criação de Gilead a ascensão político-social dos Filhos de Jacó, essa medida se torna impraticável.

Assim sendo, criou-se um forçosamente um grupo de mulheres férteis do qual os homens de prestígio poderiam demandar uma. Com o sistema de rodízio os homens teriam acesso a inúmeras Aias, sob seu controle (ATWOOD, 2017, p. 316). Embora justificado por um critério religioso, comprova-se em diversas passagens da obra que os Comandantes não praticavam a fé que pregavam.

Os encontros furtivos e proibidos entre o Comandante e DoFred, que ocorriam com a Aia antes dela também (ATWOOD, 2017, p.147) e a indicação de Doglenn que muitos Comandantes apreciam atividades sexuais fetichistas com suas Aias (ATWOOD, 2017, p. 235) são indícios que os Comandantes se utilizavam da Fé para seus próprios propósitos.

O clube de prostitutas o qual muitos Comandantes frequentavam é outro exemplo da falsa fé. O ambiente por si só é declaradamente uma violação das leis de Gilead. Entretanto, os homens iam ao estabelecimento para praticar as mais diversas formas de transgressões com a anuência do Estado (ATWOOD, 2017, p. 248-249). A hipocrisia dos homens de Gilead é evidente diante dessas práticas.

O segundo fator preponderante do enaltecimento do masculino em Gilead através da subjugação do feminino é a simbologia da mãe. Embora aparente ser o mais prestigiado cargo em Gilead, as mães são, em verdade, apenas prisioneiras do sistema. A começar pela concepção, que advém do estupro, tudo que se relaciona à maternidade é de algum modo utilizado para aprisionar a mulher em Gilead.

Do controle com a saúde das Aias, à imposição das Aias às Esposas e à função de babá das Aias prestada pelas Martas, o universo feminino do romance diz respeito ao lar, visando a maternidade. Nenhuma das três poderá exercer a maternidade plenamente e ainda assim este é o maior objetivo permitido e incentivado a elas.

A hipocrisia do louvor à maternidade surge desde a concepção de Gilead, onde crianças foram abduzidas e separadas de suas mães (ATWOOD, 2017, p. 316). A imagem de mãe que é

valorizada é somente aquela que é regulamentada e imposta pelo sistema. Os laços maternos naturais, que surgiram em razão de uma maternidade por escolha são desconsiderados, o que explicita que o incômodo dos homens para com as mulheres se pauta na liberdade de escolha que elas tinham.

A fim de corrigir esse erro da sociedade, como viam os homens, cria-se a sentença perpétua das mulheres: a busca por toda vida pela maternidade. A partir dessa imposição, os homens usam a maternidade para modular o comportamento das mulheres cidadãs de Gilead. Conseguem através de seu manuseio impor quaisquer vontades que queiram.

A fim de reconduzir a mulher ao local subalterno, com o qual os homens sabem lidar, adaptam-se os modos femininos para que se encaixem no padrão determinado pelos homens. Assim, a maternidade se torna a ferramenta manipulável por intermédio da qual sustentam sua dominância.

## 5 CONCLUSÃO

O presente trabalho objetivou analisar em seu primeiro capítulo a representação das personagens femininas na sociedade da República de Gilead, na obra *The Handmaid's Tale* (ATWOOD, 2017) e a dominação à qual foram sujeitadas. Estabeleceu-se que, diante do panorama patriarcal totalitário do modelo governamental proposto na narrativa, as mulheres na sociedade fictícia de Gilead têm todos os aspectos de suas vidas controlados por homens.

Analisou-se que, a partir do viés biológico, os homens à frente do governo, conhecidos como Filhos de Jacó, impuseram uma nova ordem social. Com objetivo a dominação e sujeição das mulheres, em retaliação à liberdade por elas conquistada anos antes. De modo a subjugar-las, os Filhos de Jacó utilizaram como motivo para justificar as gestações compulsórias a queda na taxa de natalidade. Baseando-se nesse preceito, as mulheres férteis foram sujeitadas a se tornarem barrigas de aluguel para as Esposas dos homens importantes do governo, em uma tentativa de repopular o território anteriormente conhecido como Estados Unidos da América.

Segundo esta linha de análise, determinou-se que as mulheres em Gilead selecionadas para serem Aias, tinham sua validação social atrelada somente à sua qualidade reprodutiva. A visão das mulheres como o “cálice” reduz sua importância social a sua capacidade de gerar uma criança, destituindo-as de sua propriedade de ser humano e atribuindo-lhes como única função a reprodução.

A noção de mulheres como cidadãs de segunda classe, sem direitos e com funções limitadas à sua capacidade reprodutiva, é reforçada no estabelecimento das funções das mulheres inférteis. Àquelas que não eram férteis, mas ainda eram relativamente jovens, eram atribuídos cargos como domésticas, chamadas de Martas, ou de Esposas, mas essas também não tinham relevância política ou quaisquer direitos equivalentes aos dos homens.

Às outras, mulheres idosas ou reativas (a exemplo da mãe feminista da protagonista), era imposto o trabalho forçado em colônias de limpeza de materiais tóxicos, nas quais a morte precoce é certa. Essas mulheres que não possuíam juventude, fertilidade ou eram suscetíveis ao poder masculino, não tinham serventia ao novo governo.

A eleição da fertilidade como ápice do valor feminino corrobora a ideia de inferioridade das mulheres, pois em comparativo aos homens (cujo valor advinha de força física, inteligência e capacidade de liderança), o propósito da mulher na sociedade é a subserviência aos homens e ao sistema.

O entendimento das mulheres como aquelas que podem ser úteis aos homens, segundo as determinações dos próprios homens, pode ser atestado pelo uso do termo não-mulher. As mulheres, assim chamadas, eram aquelas sentenciadas às colônias, ou seja, retirava-se das mulheres que não podiam reproduzir ou servir sua qualidade de mulher. Essa destituição da condição humana é observada na obra somente em relação às mulheres, não havendo menção alguma a não-homens ou não-pessoas

Além das mulheres, apenas as não-crianças, ou seja, crianças mal-formadas consideradas falhas evolutivas, recebiam a negativa existencial, como provas do insucesso das Aias. Estabelece-se aqui o paralelo entre seres deformados e as mulheres indignas, ressaltando-se, novamente, a desvalorização feminina na República de Gilead.

O entendimento da existência válida ser pautada na capacidade reprodutiva como forma de controlar as mulheres pode ser comprovado pela negação da esterilidade masculina, sendo a sugestão dessa possibilidade considerada um crime em Gilead. Para autenticar a não investigação da falta de capacidade reprodutiva dos homens, foi preciso utilizar outra fundamentação, pois a biológica não bastava.

No segundo capítulo explorou-se a utilização da religião como validação da proposta dos Filhos de Jacó, de modo a legitimar a inferioridade feminina, pois somente o aspecto biológico não teria potência social suficiente. Buscou-se nas escrituras um precedente que pudesse sancionar essa sujeição.

Estipulada a força de coação que a religião tem, analisou-se que através dela os Filhos de Jacó puderam impor as diretrizes do novo regime, pois a doutrinação religiosa possui a qualidade de condicionar a sociedade e moldá-la, segundo preceitos sancionados por uma entidade divina. A autenticação das leis pela religião assegura a não contestação dessas regras, e ao mesmo tempo permite que não precisem ser comprovadas. Utilizando-se dessa característica do aspecto religioso, a nova ordem social teve como fundamento o Livro bíblico de Gênesis, no qual a mulher digna é mãe e Esposa, ratificando o ideal dos Filhos de Jacó.

A utilização da violência como garantia de obediência era legalizada também pela religião. Aqueles que se rebelavam contra o sistema ou cometiam algum crime eram sentenciados a torturas e a pena de morte, por vezes em execuções públicas. As Aias, que não concebiam filhos, eram punidas e as que o faziam eram gratificadas com a certeza de não o serem.

A religião consagrava o homem como chefe da família e da sociedade e a mulher como sua parceira somente nos âmbitos domésticos e reprodutivos. A noção de poligamia masculina

e de maternidade como propósito único das mulheres era validada pela história bíblica de Leah e Raquel. Essas passagens, juntamente com a formatação social da comunidade de Gilead eram passadas para as novas gerações como única verdade, para garantir que as mulheres das futuras gerações aceitariam suas designações sem contestarem.

Determina-se neste segundo capítulo que a escolha de pautar a nova ordem social em uma doutrina religiosa foi também a forma de controlar a expressão da sexualidade. A única permitida era a heterossexual, que validava, simultaneamente, a superioridade masculina e certificava a manutenção do controle sobre as mulheres.

A ideia de moralidade é também abordada neste capítulo e comprova como a distinção moral era esperada somente da parte das mulheres, aos homens sendo permitida a perversão, ainda pautando-se na religiosidade. A fundamentação religiosa a respeito dos homens os isentava de sanções, pois havia permissão divina, contanto que as ações estivessem de acordo com as normas de Gilead.

O controle da sexualidade é passado para o Estado, que, comandado por homens e pautado na religiosidade sexista, mantém as mulheres sem uma cidadania efetiva e garante aos homens o domínio social e sexual. Com o advento dessa liderança integral, garante-se também que as mulheres temam infringir as leis e que aceitem seus desígnios.

O terceiro e último capítulo deste trabalho aborda a partícula integrante da relação entre o aspecto social e o aspecto religioso, a maternidade. A análise feita neste capítulo endossa a noção da utilização da maternidade como ferramenta de modulação comportamental feminina.

Estabelece-se através da investigação que o conceito de maternidade em Gilead foi dividido em três, para que o controle feminino ocorresse tanto em relação às mulheres férteis quanto às não férteis, porém ainda úteis. Com o objetivo de controle generalizado da população feminina, o estabelecimento da maternidade compulsória propõe a procriação como finalidade da existência da mulher.

As Martas e as Esposas têm suas vidas limitadas ao contexto domiciliar e esperar por uma criança é a única consolação que possuem. Suas vidas são voltadas para os cuidados com as Aias e a execução da cerimônia mensal na esperança de que o lar seja abençoado com uma gestação. O *status* social que uma gestação traz à residência afeta a todos daquele núcleo, principalmente as mulheres que tão pouco tem. Assim, esse anseio é o que as orienta.

As Aias tem como destino serem fecundadas no processo da cerimônia, na qual o seu estupro é legitimado pelo Estado e assistido pelas Esposas, nos dois sentidos do verbo assistir. Elas são submetidas a esse processo uma vez por mês e tem sua sobrevivência atrelada ao

sucesso ou falha das tentativas. Caso não engravidem após três tentativas, as Aias são destituídas de sua condição de mulher, tornando-se não-mulheres, e são enviadas aos campos tóxicos.

As vidas das Aias são voltadas para prepararem seus corpos para a fecundação, tendo sua alimentação, rotinas e relações sociais controlados sob esse viés. O desespero das mulheres para que haja uma gravidez na casa as faz cometer crimes sérios como acobertar as relações sexuais entre as Aias e outros homens, tais como médicos ou o motorista da casa.

Essa aliança feminina em prol da gravidez é o resultado da limitação que elas têm, pois seu acesso a livros é proibido, à rua é severamente controlado e à televisão é resumido a canais do próprio governo. Os aspectos das vidas das mulheres são formulados para que tenham suas vidas voltadas somente à manutenção do lar, seja a cozinha, a decoração ou os jardins e para a gravidez das Aias.

Toda determinação social, legal, psicológica e mesmo física no que tange às mulheres é feita para garantir que seu único intento de vida seja a maternidade, mas este é o subterfúgio encontrado pelos Filhos de Jacó para poder imperar sobre as mulheres e impor a elas suas vontades sem que haja resistência ou contestação, pois suas atenções foram desviadas para seu novo desígnio.

A junção forçada da vida das mulheres de cada casa ao único propósito de que uma delas engravide confirma o objetivo geral desse trabalho, validando a maternidade como ferramenta de controle feminino social e psicológico. A imposição da nova ordem social através da religião com a falsa intenção de aumentar a taxa de natalidade serve aos homens como justificativa para que sejam retirados das mulheres todos os atributos da sociedade.

Responde-se, deste modo, ao problema central proposto pelo trabalho, ficando estabelecido que a maternidade figura na obra *The Handmaid's Tale* (ATWOOD, 2017) como o instrumento de modulação comportamental feminino, sendo falsamente consagrado e santificado, mas em verdade foi a maneira usada pelos Filhos de Jacó para cercar as vidas das mulheres, dando-lhes em retorno a construção de um ideal de adoração.

Diante do exposto, concluiu-se, neste trabalho, que o estratagema masculino tem como objetivo excluir as mulheres do direito a posses, a trabalhos remunerados fora de casa, a liberdade de morar só e determinar seu próprio futuro, a escolha de seus parceiros sexuais e afetivos, aos estudos e a participação política. Os personagens masculinos sob a forma do governo legítimo, surgido de um golpe de Estado, impõem às personagens femininas da obra



como alento de vida o gerar de novas vidas sob o risco de perderem as suas, já havendo elas perdido seus direitos básicos de liberdade.

## REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale**. New York: Anchor, 2017.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BÍBLIA Sagrada. **Gênesis**. 25 ed.. São Paulo: Paulus; 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.
- \_\_\_\_\_. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.
- BUTLER, Judith et al. **The power of religion in the public sphere**. New York: Columbia University Press, 2011.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1999.
- CAMBRIDGE. **Dictionary**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/think-tank>>. Acesso em: 05 nov. 2018.
- ELLER, Jack David. **Introdução à antropologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- FIDELIS, Daiana Quadros; MOSMANN, Clarisse Pereira. A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. **Aletheia**, Canoas, n. 42, p. 122-135, dez. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942013000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000300011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MILLER, Bruce. O Conto da Aia (série de TV baseada no romance de Margaret Atwood). Hulu, 2017.
- NEDER, Marcia. **Os filhos da mãe: como viver a maternidade sem culpa e sem o mito da perfeição**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.
- HACKETT, Conrad.; GRIM, Brain J. **The global religious landscape**. Pew research center, 2017. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2012/12/18/global-religious-landscape-exec/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.